

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
BACHARELADO EM JORNALISMO

MARIANE VENDITI DA ROSA

**A REPRESENTAÇÃO DAS MINORIAS SOCIAIS PELOS PARTICIPANTES DO  
PROGRAMA *MINHA SAUDE DA UFRGS*:**

exclusão, preconceito, realização, acolhimento, mudança social e privilégio

PORTO ALEGRE

2022

MARIANE VENDITI DA ROSA

**A REPRESENTAÇÃO DAS MINORIAS SOCIAIS PELOS PARTICIPANTES DO  
PROGRAMA *MINHA SAUDADE DA UFRGS*:**

exclusão, preconceito, realização, acolhimento, mudança social e privilégio

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial à  
obtenção do título de bacharela em  
Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia  
e Comunicação da Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul.

Orientador: prof. dr. Sean Hagen

PORTO ALEGRE

2022

MARIANE VENDITI DA ROSA

**A REPRESENTAÇÃO DAS MINORIAS SOCIAIS PELOS PARTICIPANTES DO  
PROGRAMA *MINHA SAUDADE DA UFRGS*:**

exclusão, preconceito, realização, acolhimento, mudança social e privilégio

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial à  
obtenção do título de bacharela em  
Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia  
e Comunicação da Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul.

Orientador: Sean Hagen

**Aprovada em:**

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Sean Hagen  
Orientador

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Benetti – UFRGS  
Examinadora

---

Dr. Fernando Favaretto – UFRGS  
Examinador

## AGRADECIMENTOS

Toda a minha trajetória só foi possível graças a uma enorme rede de apoio que me acompanhou em passos essenciais dessa jornada. Começo essa série de agradecimentos expressando minha gratidão a Deus. Hoje sei que cada porta que se fechou no meu caminho era necessária para me trazer até onde estou hoje. Obrigada, Senhor, por cada oportunidade.

Agradeço também a cada professor do curso de Jornalismo da UFRGS, por compartilharem seus melhores conhecimentos e mostrarem que a informação de qualidade é um direito, contribuindo, assim, para a formação de uma sociedade justa e democrática. Destaco aqui meu orientador, Sean, por todas as contribuições, críticas, conversas e trocas que realizamos há mais de um ano. Teu bom humor e sinceridade foram muito importantes nessa jornada. Obrigada por respeitar meu tempo, entender minhas dificuldades e limitações e fazer com que esse processo fosse o mais leve possível.

Agradeço a toda a minha família, por incentivar meus estudos desde a época em que a minha maior preocupação acadêmica era terminar de copiar a lição do quadro. Um obrigada mais do que especial aos meus pais e avós, pela educação e pelo amor que sempre recebi. O carinho de vocês foi fundamental para a minha construção de quem eu sou hoje. Se eu cheguei até aqui, foi por cada um de vocês.

Em momentos em que a rotina mostrava seu peso, certas figuras foram fundamentais para me lembrar de respirar. A minha irmã, Juliane, agradeço por garantir meus sorrisos mesmo quando a ansiedade resolve me visitar; ao meu afilhado, Theo, por permitir meus abraços apertados para matar a saudade e por aceitar de bom grado o título de criança mais incrível que já existiu; e aos pais do Theo, Rosi e Henrique, por me darem a honra de apadrinhar esse leãozinho cheio de luz e unirem ainda mais os nossos caminhos.

Ter amigos para vibrar junto dão um sabor especial a cada conquista. Sou grata por todos os amigos que cruzaram o meu caminho e marcaram a minha história. Deixo aqui um obrigada mais que especial para Giovanna e Maria Eduarda, por serem o ombro amigo e a fonte de muitas alegrias desde o nosso ensino médio. Agradeço também aos jornalistas Kênia e Anderson, por todas as trocas, conselhos, pautas malucas e companhia em almoços que deixaram a etapa da graduação muito mais agradável.

E ao meu amor, agradeço por todos os planos que fizemos desde o nosso primeiro encontro. Por me permitir ser quem eu sou e me amar com todos os meus defeitos. Por ser meu apoio, minha luz e minha força. Por recarregar todas as minhas energias mesmo quando a nossa rotina estava conturbada. Realizar sonhos é muito melhor ao teu lado, Gabriel. Obrigada por tudo e por tanto.

*Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.*

(Nelson Mandela)

## RESUMO

Esta pesquisa busca compreender como as minorias sociais se representam no programa *Minha Saudade da UFRGS*, apresentado pela UFRGS TV. O objetivo foi identificar como os membros da comunidade acadêmica pertencentes às minorias se percebiam durante a jornada deles na UFRGS. Os conceitos de TV generalista, pública e universitária são a base da discussão do objeto. E a discussão sobre representações acontece a partir da cultura e da psicologia social, destacando a importância da representação midiática de minorias sociais. Foi usada a Análise de Discurso de linha francesa em 13 edições do programa, que foram ao ar entre 2020 e 2021. Das 80 incidências de sentidos identificadas, surgiram seis principais Formações Discursivas (FDs): 1) a minoria que sente a exclusão; 2) a minoria que enxerga preconceitos; 3) a minoria que realiza; 4) a minoria que é acolhida; 5) a minoria que viu mudanças na sociedade; e 6) a minoria que se vê privilegiada. Os resultados mostram que a realidade ainda tem muito que evoluir: 43,75% dos discursos evidenciam o preconceito e a exclusão, enquanto apenas 16,25% do corpus se sente acolhido.

**Palavras-chave:** Televisão Universitária; Representatividade Social; Minorias Sociais; Sentidos; UFRGS TV.

## ABSTRACT

This research seeks to understand how social minorities are represented in the show *Minha Saudade da UFRGS*, created by UFRGS TV. The objective was to identify how members of the academic community belonging to minorities perceived themselves during their journey at UFRGS. The concepts of generalist, public and university TV are the basis of the discussion of the object. And the discussion about representations takes place from the point of view of culture and social psychology, highlighting the importance of the media representation of social minorities. The french Discourse Analysis was used in 13 editions of the show, displayed between 2020 and 2021. The 80 incidences of senses identified resulted in six Discursive Formations (DFs): 1) the minority that feels exclusion; 2) the minority that sees prejudgement; 3) the minority that actualize; 4) the minority that is welcomed; 5) the minority that saw changes in society; and 6) the minority that sees itself privileged. The results show that reality still has a long way to go: 43,75% of the speeches evidence prejudice and exclusion, while only 16,25% of the corpus feels welcomed.

**Keywords:** University TV; Social Representativeness; Social Minorities; senses; UFRGS TV.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2 PONTO DE PARTIDA: A TELEVISÃO CONTEMPORÂNEA</b>	<b>12</b>
2.1 FINALIDADES E PARTICULARIDADES	12
2.2 INFORMAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS	15
2.3 A TELEVISÃO PÚBLICA NO BRASIL	18
2.4 TELEVISÃO UNIVERSITÁRIA	20
2.5 CONHECENDO A UFRGS TV	23
<b>3 REPRESENTAÇÃO MUDIÁTICA</b>	<b>26</b>
3.1 REPRESENTAÇÕES EM EVIDÊNCIA	26
3.2 POR QUE A DIFERENÇA PRECISA SER VISTA?	28
<b>4 ANALISANDO REPRESENTAÇÕES DE MINORIAS SOCIAIS NO PROGRAMA</b>	
<b><i>MINHA SAUDADE DA UFRGS</i></b>	<b>33</b>
4.1 A ANÁLISE DE DISCURSO	33
4.2 CORPUS DA PESQUISA	36
4.3 MINORIAS SOCIAIS SE AUTOCONSTRUINDO EM UMA TELEVISÃO UNIVERSITÁRIA	38
<b>4.3.1 A minoria que convive com o preconceito</b>	<b>39</b>
4.3.1.1 LGBTfobia	40
4.3.1.2 Racismo	41
4.3.1.3 Diferentes opressões	42
<b>4.3.2 A minoria excluída</b>	<b>43</b>
4.3.2.1 A falta de representatividade	44
4.3.2.2 A falta de acessibilidade	46
4.3.2.3 A falta de inclusão	47
<b>4.3.3 A minoria que realiza</b>	<b>48</b>
4.3.3.1 A minoria que transforma contextos	48
4.3.3.2 A minoria que quer mudanças	50
<b>4.3.4 A minoria que viu mudanças na sociedade</b>	<b>51</b>
4.3.4.1 Visão da comunidade LGBTQIA+	52
4.3.4.2 Visão da comunidade indígena	53
<b>4.3.5 A minoria acolhida</b>	<b>54</b>

4.3.5.1 Encontros	54
4.3.5.2 Inclusão	55
<b>4.3.6 A minoria que se vê privilegiada</b>	<b>56</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>58</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em quantos filmes você lembra de ter visto uma pessoa com deficiência representando um personagem cujo enredo não gira em torno da deficiência? Quantos reality shows abordam a cultura indígena? Quais telejornais têm repórteres e apresentadores trans? Não posso dizer que eu sempre fui consciente sobre problematizações como essa, mas a sensação que tenho atualmente é de que quanto mais tempo eu passo consumindo produtos televisivos, mais sinto falta de conteúdos midiáticos que façam com que todas as pessoas se sintam representadas.

O problema na representação de determinados grupos sociais vulnerabilizados não fica restrito só a programas de TV – pelo contrário: a televisão é, em muitos momentos, a representação de como a sociedade se pensa e se estrutura. Por conseguinte, a universidade também funciona de forma a representar como o mundo se constrói. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada em 2019, 46,8% da população brasileira se autodeclara parda, 42,7% como branca, 9,4% preta e 1,1% como amarela ou indígena. Desde 2008, a UFRGS oferece o sistema de ações afirmativas, que promove o ingresso de grupos em vulnerabilidade social na universidade através da reserva de 50% das vagas para estudantes que realizaram todo o ensino médio em escolas públicas. Essa reserva se divide em 8 categorias: 1) aluno com renda familiar bruta mensal igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo nacional per capita; 2) aluno com renda familiar bruta mensal igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo nacional per capita e que se autodeclara preto, pardo ou indígena; 3) aluno egresso do Sistema Público de Ensino Médio independentemente da renda familiar; 4) aluno egresso do Sistema Público de Ensino Médio independentemente da renda familiar e que se autodeclara preto, pardo ou indígena; 5) aluno com renda familiar bruta mensal igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo nacional per capita que seja pessoa com deficiência; 6) aluno com renda familiar bruta mensal igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo nacional per capita, autodeclarado preto, pardo ou indígena e que seja pessoa com deficiência; 7) aluno egresso do Sistema Público de Ensino Médio independentemente da renda familiar que seja pessoa com deficiência; e 8) aluno egresso do Sistema Público de Ensino

Médio independentemente da renda familiar, autodeclarado preto, pardo ou indígena e que seja pessoa com deficiência.

Durante minha jornada universitária vi pouquíssimas pessoas com deficiência na UFRGS, e menos ainda pessoas transgênero, considerando todo o quadro universitário: alunos, servidores, técnicos administrativos e o próprio corpo docente. Nesse sentido, a representação de grupos em vulnerabilidade social é extremamente importante para promover a inclusão e o respeito dessas pessoas em diferentes espaços.

Essas percepções também vieram do tempo em que fui bolsista da UFRGS TV em 2018: um espaço de ensino que transformou minha experiência na universidade. Tive uma rápida e intensa atuação como bolsista, mas em oito meses trabalhei como produtora, repórter, operadora de câmera e editora dos programas. A proposta da TV universitária é fazer com que os estudantes tenham experiências em todas as áreas de produção, considerando o contato com fontes, montagem dos vídeos e a pós-produção, que envolve catalogar os programas e enviar o resultado para os entrevistados. Tem por objetivo transpassar as salas de aula e corredores da universidade. Deve atingir a comunidade divulgando princípios educativos, culturais e cidadãos para toda a comunidade acadêmica, atuando como um agente facilitador do diálogo entre a instituição de ensino e a sociedade. Conteúdos de ensino, pesquisa e extensão têm relevância cultural, social e educacional para alunos, professores, funcionários, terceirizados e para o público em geral. E por isso, a representatividade das minorias é uma questão que deveria fazer parte de todas essas ações.

A ideia inicial desta pesquisa surge do questionamento de quanto é difícil para as minorias sociais encontrarem espaços de visibilidade, até mesmo na universidade. Não há nenhum programa da UFRGS TV que trate desse assunto, mas os relatos sobre visibilidade de minorias presentes no programa *Minha saudade da UFRGS* despertaram minha atenção: muitas pessoas viram nesse lugar uma oportunidade para discutir a representatividade social e lembrar o quanto essa falta de espaço está naturalizada na sociedade. Assim, o **objetivo geral** do TCC é compreender como as minorias sociais se representam no programa *Minha Saudade da UFRGS*. Os **objetivos específicos** são:

1. mapear os sentidos sobre minorias dispersos nos programas;
2. criar categorias de análise;

3. identificar como os membros da comunidade acadêmica pertencentes às minorias se perceberam durante a jornada deles na UFRGS.

O programa *Minha Saudade da UFRGS* foi criado em 2020, em um contexto de distanciamento social em decorrência da pandemia mundial de coronavírus. Foi escolhido para esta pesquisa porque possui uma abordagem em que os sentimentos dos indivíduos são demonstrados através dos sentidos que constroem sobre si mesmos, já que convida os participantes a refletirem sobre aspectos da universidade dos quais sentem falta. São analisadas 13 edições do programa, que foram ao ar entre setembro de 2020 e agosto de 2021. Cada uma dessas edições traz relatos de pessoas que fazem parte de determinado grupo social marginalizado: pessoas com deficiência, negros, indígenas e LGBT's (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, queer, intersexo, assexuais e outras variações de gênero e sexualidade).

Os principais sentidos evidenciados na análise foram agrupados, resultando em seis formações discursivas: 1) a minoria que sente a exclusão; 2) a minoria que enxerga preconceitos; 3) a minoria que realiza; 4) a minoria que é acolhida; 5) a minoria que viu mudanças na sociedade; e 6) a minoria que se vê privilegiada.

Além da introdução, esta pesquisa é composta por três capítulos. No segundo capítulo, apresento características e finalidades da televisão, além de refletir sobre a produção de sentidos a partir dos materiais transmitidos por este meio de comunicação. Neste ponto, são abordados temas como particularidades sobre a televisão, a televisão pública brasileira, televisão universitária e a UFRGS TV.

Na sequência, o terceiro capítulo fala sobre representações a partir dos pontos de vista da cultura e da psicologia social, salientando a importância da representação midiática de minorias sociais a partir de abordagens sem estereótipos.

O quarto capítulo inicia com a apresentação da metodologia de pesquisa e o corpus. A Análise de Discurso de linha francesa foi escolhida para compor a metodologia deste processo por trabalhar com produção de sentidos, indo ao encontro de uma das principais características da televisão: fornecer informações para que a audiência crie seus próprios significados a partir daquele material. Na sequência, apresento a análise das seis categorias. Por fim, trago a conclusão seguida das referências.

## 2 PONTO DE PARTIDA: A TELEVISÃO CONTEMPORÂNEA

A televisão não é mais o que era há 15 anos: a TV por assinatura, o YouTube e as plataformas de streaming trouxeram uma nova forma de assistir televisão. Mais do que conceituar o que é TV, este capítulo busca entender os sentidos e significados construídos a partir de informações recebidas pela televisão dos dias atuais, além de estudar as finalidades e características da televisão.

### 2.1 FINALIDADES E PARTICULARIDADES

O ponto inicial para a pesquisa é o conceito da televisão. Aqui, não falo simplesmente do objeto eletrônico que decora as salas de estar de lares do mundo inteiro, mas, principalmente, das informações que perpassam este aparelho e qual o impacto social da relação entre o público e a TV.

O que é televisão? Uma lista breve pode incluir diversão, chatice, utilidade pública, lucro, esportes, ação, notícia, homens, os Estados Unidos [ou o Brasil], filmes, cor, desastre, fumaça venenosa, componentes tóxicos e sensacionalismo barato. A TV é um objeto, produzido em uma fábrica e distribuído fisicamente (através dos meios de transporte) e virtualmente (via propaganda). Nesse ponto, ela se metamorfoseia em uma questão de estilo – uma valiosa (ou maldita) peça de decoração. Por fim, a TV se transforma em sucata, cheia de venenos e poluentes, à espera de um local de despejo. A televisão possui, em síntese, uma existência física, uma história como objeto de produção material e de consumo, além da reputação de ser um local de produção de sentido. Todavia, desde sua origem, a TV tem sido, acima de tudo, um meio de enriquecer e legitimar os seus controladores, e de entreter e civilizar os telespectadores. (MILLER, 2009, p. 10)

Para Dominique Wolton (2007), a televisão serve para unir indivíduos e públicos e lhes oferecer a possibilidade de participar de uma atividade coletiva. Quem nunca se reuniu com a família ou amigos para assistir um jogo do Brasil em uma Copa do Mundo, o capítulo final de uma novela ou o último episódio de uma série? Mesmo em um cenário de distanciamento social, como o que vivemos nos últimos anos, assistir televisão ainda é uma atividade coletiva: o consumo individual dos conteúdos será, em determinado momento, compartilhado, debatido e até mesmo criticado com outras pessoas (GADRET, 2016).

A principal finalidade da televisão é fornecer às pessoas os meios para compreender o mundo (WOLTON, 2007); funcionando como uma espécie de espelho da sociedade, ela é essencial para a coesão social, para que os

componentes sociais e culturais da sociedade possam se ver e se referenciar na mídia. É necessário, porém, deixar claro que a analogia do espelho não é totalmente fiel à realidade, já que esse reflexo não é vazio de raciocínio: os telespectadores recebem as informações e pensam sobre o assunto, usando a informação da maneira que mais os interessa.

Segundo Thompson (2018), o envolvimento do público com as mídias é uma forma de interação: quando se assiste à televisão, não se está apenas recebendo ou consumindo um produto de mídia, mas os indivíduos entram em um tipo distinto de interação social com outras pessoas que estão distantes no espaço e até mesmo no tempo. As mídias eletrônicas deram origem a uma forma distinta de simultaneidade, fazendo possível que pessoas fossem vistas e ouvidas em locais diferentes do que ocupavam no espaço naquele momento, o que foi ainda mais amplificado com a ascensão das chamadas de vídeo:

Com o advento da televisão, portanto, os indivíduos puderam ver as pessoas, as ações e os eventos, bem como ouvir a palavra falada e outros sons, de um modo que era similar em alguns aspectos à interação face a face, mas crucialmente diferente em outros: estendida no espaço, de caráter não recíproco e dependente de uma série de considerações técnicas e institucionais. (THOMPSON, 2018, p. 36).

A importância que a televisão assume nas sociedades contemporâneas, no que diz respeito à produção de narrativas que dão significado aos acontecimentos do mundo, daquilo que se passa à nossa volta, da nossa vida cotidiana e dos outros, revela o papel da televisão enquanto elo social (RUIVO, 2004). O conceito de *televisão generalista* defendido por Wolton (1999) mostra que a televisão atua com a função de unir heterogeneidades sociais: quando a TV mostra diferentes realidades e culturas, obriga o público a reconhecer a existência do outro, funcionando como um serviço público que ajuda na pacificação, na identificação e na coesão sociocultural. No final do século XX, quando Wolton teorizou sobre a socialização da TV, só a televisão generalista estava apta a oferecer, ao mesmo tempo, uma igualdade de acesso e um leque de programas que poderiam refletir diferenças sociais e culturais. Atualmente, a internet também consegue este feito ao transmitir, por exemplo, eventos ao vivo, mas possui um alto custo e nem sempre oferece a qualidade de sinal da TV, o que ainda a torna uma mídia elitista. E essa comunicação audiovisual da web, mesmo tendo se libertado do aparelho de TV, continua sendo televisão, já que as *lives* e programas acabam mantendo

características da TV, como a linguagem, as contingências de produção, o apelo emocional e a relação com o público.

Também é essencial observar a relação entre a televisão e o lazer. A televisão entretém, distrai o ser humano, transmite prazer e serve de escape ao cotidiano (RUIVO, 2004), o que pode muito bem ser feito enquanto a pessoa absorve cultura e informação, ou quando simplesmente procura uma distração para a rotina.

A televisão cria, deste modo, uma indústria totalmente dedicada ao entretenimento do grande público. Através do perfeito domínio das emoções universais, fazendo rir ou chorar, a televisão adquire uma técnica, que é, simultaneamente, uma arte. E é através da sua técnica e da sua arte que a rainha dos media audiovisuais continua, até hoje, a seduzir os seus adeptos, apropriando-se dos grandes espetáculos coletivos como o cinema, o desporto, a canção, e transfigurando-os de modo a responderem às leis do pequeno ecrã. (RUIVO, 2004, p.21)

Mesmo que se veja televisão em busca de conforto e relaxamento, nosso cérebro continua sendo estimulado. Segundo a neurocientista Suzana Herculano Houzel (2006), até mesmo achar graça em séries cômicas requer esforço cognitivo.

Um estudo realizado em 1999 (GAUNTLETT; HILL<sup>1</sup>, 1999 apud GADRET, 2016) analisou 500 famílias britânicas, acompanhando seus hábitos de consumo e a relação delas com a TV. A pesquisa definiu três principais finalidades para a televisão: papel de parede eletrônico, sendo um pano de fundo para atividades rotineiras e funcionando como um aliado para o relaxamento; janela para o mundo, trazendo informações e entretenimento, além de conhecimentos sobre diferentes culturas; e boa amiga, sendo companhia e transmitindo a sensação de conforto e segurança. Diante de tantas finalidades e características, é preciso reconhecer que, mesmo com a avalanche de novas possibilidades trazidas pela internet, a televisão continua sendo essencial para a distribuição de informação, cultura e lazer.

Imaginar a Internet em oposição à televisão é bobagem; ao contrário, ela é apenas mais uma forma de enviar e receber a televisão. E a TV está se tornando mais popular, não menos. Suspeito que estamos testemunhando uma transformação da TV, ao invés do seu falecimento. O que começou, na maioria dos países, como um meio de comunicação de transmissão nacional dominado pelo Estado, está sendo transformado em um meio de comunicação internacional a cabo, via satélite e Internet, dominado pelo comércio. (MILLER, 2009, p. 22)

O texto de Miller é de 2009, mas o alcance e a popularidade da televisão não pararam de crescer: os números de usuários podem decrescer ou aumentar, dependendo do momento social, mas a TV permanece na centralidade da vida

---

<sup>1</sup> GAUNTLETT, David; HILL, Annette. **TV Living**: television, culture and everyday life. London: Routledge, 1999.



cotidiana. Agora, mais flexível, este meio de comunicação continua influenciando e incorporando diferentes mídias: computadores, tablets, telas de smartphones. Pelas palavras de Miller (2009), a TV não está morta, ela está mudando. Nesse sentido, os próximos subcapítulos aprofundam a discussão sobre a televisão enquanto fonte de informação e a importância de uma TV ampla e acessível.

## 2.2 INFORMAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

A transição da televisão para outras telas e sua conversão para formas mais versáteis não são resultados obtidos apenas por suas características intrínsecas enquanto mídia ou sua convergência para novos dispositivos, mas também pelas particularidades específicas de cada região e cultura em que ela está inserida e se desenvolve (OROZCO; MILLER, 2018). Com essa flexibilidade e a constante democratização do acesso à TV, torna-se importante a reflexão sobre as relações entre a televisão e as informações que ela passa para sua audiência.

Orozco e Miller (2018) apontam que o que acontece na televisão é transformado em propriedade cultural das audiências, visto que elas processam as informações, as relacionam com suas próprias vidas e constroem novos significados ao que é visto. Apesar de ter menos prestígio do que outros meios de comunicação, é fundamental reconhecer que a televisão é uma das responsáveis pela difusão de informações que fornecem ao indivíduo meios para compreender o mundo em que ele vive (Wolton, 2007).

Mas a informação, por si só, não é suficiente para criar uma comunicação efetiva:

Atualmente, com o excesso de informação, a comunicação se torna, na maior parte do tempo, uma negociação. E essa negociação precisará de um tempo para ser transformada em comunicação dada à velocidade que a informação passou a alcançar. É esta a razão pela qual a informação se separou da comunicação, obrigando, então, ao que é inevitável: uma reflexão muito maior da condição prática da comunicação. Atualmente há um volume tão grande de informação no mundo que ela já não chega a fazer a comunicação, porque entre a produção da mensagem e a comunicação tem o receptor, e ele vai se tornar cada vez mais refratário, crítico. (WOLTON, 2012, p. 203)

É injusto esperar que o público entenda e processe todas as informações que são divulgadas diariamente em um ritmo cada vez mais frenético. Informar não é

sinônimo de comunicar porque “a comunicação é uma relação e, por isso, precisa ser lenta” (Wolton, 2012).

Aqui, é preciso fazer um questionamento: o que significa comunicar para a grande massa? Para Bucci (2010), as emissoras públicas e privadas de televisão atuam de forma complementar uma à outra com a principal responsabilidade de fortalecer a saúde da democracia. Mais do que entreter ou preencher os silêncios de uma casa, os conteúdos televisivos também têm a importante função de comunicar ao público perspectivas que o façam refletir sobre o seu lugar enquanto cidadão. Uma televisão de qualidade é aquela que faz com que o telespectador olhe para si mesmo com o objetivo de reavaliar antigos hábitos, preconceitos, escolhas políticas e outros posicionamentos diversos, buscando ser um cidadão melhor e consciente sobre a sociedade em que está inserido.

É preciso levar em conta que os significados são feitos considerando o contexto e a história de cada pessoa. A realidade de uma jovem branca de classe média não é a mesma que a de uma jovem adulta que mora em uma aldeia indígena, por exemplo; então, é de se imaginar que, mesmo que essas duas pessoas vejam o mesmo programa televisivo, os sentidos que possam vir a atribuir para aquele conteúdo não serão, de toda forma, iguais. De acordo com Berger e Luckmann (2012), a realidade da vida cotidiana é interpretada e subjetivamente dotada de sentido na medida em que forma um mundo coerente.

O que tem a maior importância é que eu sei que há uma contínua correspondência entre meus significados e seus significados neste mundo que partilhamos em comum, no que respeita à realidade dele. A atitude natural é a atitude da consciência do senso comum precisamente porque se refere a um mundo que é comum a muitos homens. O conhecimento do senso comum é o conhecimento que eu partilho com os outros nas rotinas normais, evidentes da vida cotidiana. (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 40)

É possível relacionar este conceito de realidade da vida cotidiana com os tipos de verdades definidos por Charaudeau (2009, p. 80). O autor define que as pessoas associam imagens e palavras para construírem, através delas, “imaginários da verdade”, considerando 5 principais tipos de verdade: 1) a verdade do fatos, que questiona a sua autenticidade; 2) a verdade da origem, que questiona fundamentos pré-existentes da vida, da moral e do mundo; 3) a verdade dos atos, que surge de acordo com a realização de ações; 4) a verdade de opinião, baseada em um sistema de crenças e que busca ser compartilhada pela sociedade; e 5) a verdade de emoção, que está relacionada a história pessoal consciente, inconsciente ou não

consciente daquele indivíduo. As verdades de opinião e emoção merecem destaque, já que são capazes de afetar pessoas de qualquer cultura através dos acontecimentos dramáticos que carregam. Atuando em paralelo e se retroalimentando, potencializam a verdade que produzem e nos remetem “para os nossos próprios imaginários” (CHARAUDEAU, 2009, p. 82). As imagens televisuais reproduzem a realidade, desencadeando memórias pessoais e coletivas, lembranças de experiências vividas na forma de outras imagens. Como frisado por Charaudeau (2016, p. 20), “interpretamos e sentimos a partir de nossa própria história individual e coletiva”.

A imagem precisa de um contexto para construir significados, sempre assujeitada à mídia em que está vinculada, o que leva Charaudeau (2009, p. 75) a definir a imagem como argumento para essas narrativas visuais, sendo pensadas em dois opostos: o argumento filme e reportagem. O filme é organizado como um conto: há uma situação de normalidade, o surgimento de uma catástrofe, a forma como diferentes pessoas lidam com o ocorrido e os heróis que tentam salvar as pessoas e vencer o perigo. Já na reportagem há, em primeiro momento, o anúncio de um conflito, seguido pela apresentação de imagens focadas nos prejuízos materiais e vítimas para, por fim, anunciar o socorro: ambulâncias, médicos, bombeiros e demais pessoas que ajudam a amenizar os danos daquele fato.

As condições com as quais os fatos são apresentados também influenciam as interpretações e podem resultar em uma multiplicidade de sentidos. De acordo com Edgar-Hunt, Marland e Rawle (2013), todas as coisas selecionadas no quadro da imagem possuem um significado. Como caracteriza Gadret (2016, p.78), cada enquadramento utilizado em produções audiovisuais ajuda na produção de sentidos, mas existe outra característica televisiva que também pode entrar nesta equação: “Os planos tomados conjuntamente, como sequências audiovisuais, são acrescidos de sentido por outro elemento importante da estética da televisão: a edição”. A linguagem também é um importante fator a ser levado em conta. Ela é a maior responsável pelas significações atribuídas aos objetos, sentimentos e demais fatores da vida cotidiana, o que é fundamental para a comunicação entre os diferentes seres. A união de todos esses fatores constitui a matéria-prima da televisão.

O acontecimento é sempre resultado de uma leitura, e é esta leitura que lhe confere sentido. Neste caso, o acontecimento midiático é objeto de uma dupla construção: a de uma encenação aquando da sua transmissão e que revela o olhar e a leitura que dele faz a instância midiática; a do

leitor-ouvinte-telespectador que a recebe e interpreta. (CHARAUDEAU, 2009, p. 72)

Nesse sentido, a informação televisiva passa pela influência de enquadramentos, narrativas, imagens, palavras e relatos de quem a produz, ressignificada pelos pensamentos e contexto social de quem a recebe. Cada espectador está incluído em uma realidade cotidiana, e é impossível estudá-lo de uma forma única. Entretanto, é possível focar nas formas de produção da televisão, na intenção de quem produz. Apesar de sua magnitude, a televisão é incapaz de mostrar todos os acontecimentos, então sua primeira função é selecionar. O problema é que, por precisar selecionar, ela pode acabar sendo vista de forma negativa, mesmo que cumpra o seu papel de disseminar saberes e contribuir para o progresso da democracia.

Se a defasagem entre a oferta e a demanda implícita de programação é cada vez mais visível, o que explica em parte o sucesso das mídias temáticas, não se deve tampouco esquecer que a dificuldade da televisão reside no fato de facilitar o acesso à cultura sem deixar de ser um entretenimento. [...] A contrapartida a essa preeminência da oferta diz respeito à exigência de qualidade. [...] O potencial de difusão é atualmente desproporcional em relação à diversidade dos programas, e se os canais temáticos completam a oferta generalista, ainda é por intermédio das televisões generalistas que a maior parte dos públicos tem acesso à informação e à cultura. (WOLTON, 2005, p. 60 e 65)

A televisão comunica, informa e apresenta conteúdos, fatos e acontecimentos, cumprindo seu papel de abrir um espaço de debate sobre esses assuntos e permitindo o exercício da cidadania. A TV universitária é um exemplo de canal temático oferecido pela televisão. Focada em transformar informação em conhecimento através da difusão de cultura, ensino, arte e educação, ela também é responsável por habilitar seus telespectadores para a formação de opiniões.

### 2.3 A TELEVISÃO PÚBLICA NO BRASIL

A televisão pública teve início no Brasil em 1968, com a inauguração da TV Universitária de Recife, criada pela Universidade Federal de Pernambuco. Antes disso, como evidenciado por Priolli Junior (2010), a televisão brasileira era puramente comercial, e acabou especializando-se no que gerava mais rentabilidade; como consequência, focou no entretenimento e deixou de lado a oferta de conteúdos educativos e informativos, que eram previstos pela legislação de

radiodifusão (Decreto nº 52.795, de 31 de outubro de 1963). Nessas circunstâncias, a televisão pública surge no país tendo como meta contribuir para a cidadania, preenchendo as lacunas deixadas pela televisão comercial:

Uma sociedade democrática precisa dos dois pratos da balança: a televisão comercial e a televisão pública. O que a televisão comercial faz a televisão pública não deve pretender fazer. Ao mesmo tempo, o que a televisão pública faz, se estiver centrada em sua missão, a comercial não consegue fazer. Essa bandeira prega a diferenciação. É preciso identificar onde está a forma de comunicação que a televisão comercial não pode fazer, porque é justamente aí, nesse ponto escuro, invisível, que deve ser instalado o pequeno farol da TV pública. (BUCCI, 2010, p.16)

Para ser considerada uma televisão pública, não basta que a emissora seja apenas mantida financeiramente pelo Estado. Existem características e objetivos que as emissoras devem cumprir para serem consideradas como tal. Para Serrano (2010), algumas obrigações da televisão pública incluem a diversidade e qualidade da programação; proteção da cultura e da identidade nacionais; cobertura universal; ser direcionada a objetivos de natureza culturais e estar atenta para satisfazer as necessidades dos cidadãos, não deixando de fora nenhuma minoria da sociedade.

Como caracteriza Bucci (2010), o conceito de emissora pública é constituído através de três pré-requisitos: a instituição não pode, de forma alguma, ser propriedade particular em sua natureza jurídica. Ela pode ser estatal, como é o caso das televisões universitárias, mas não pode sofrer influência do governo, muito menos ser comercial e ter o lucro como finalidade; o financiamento da emissora deve ter caráter público e não pode interferir em escolhas editoriais da emissora ou exercer qualquer influência na definição da programação. “Para ser pública, o pré-requisito do financiamento de caráter público precisa ser atendido, desvinculado de pressões oriundas do Estado ou do mercado” (BUCCI, 2010); por fim, a televisão pública deve ter uma gestão independente.

A gestão administrativa, financeira e editorial deve se dar segundo critérios e parâmetros autônomos, não devendo prestar contas à vontade política das autoridades ou ao apetite por audiência tão própria do mercado. [...] Eles são, pois, a condição prévia para que a entidade esteja preparada para pensar, conceber, planejar, produzir e pôr no ar uma programação de caráter verdadeiramente público. (BUCCI, 2010, p. 12)

Serrano (2010) observa que uma televisão pública enfrenta muitos desafios, como ser economicamente viável, estabelecer parcerias com o setor público e privado, oferecer uma programação capaz de suprir as necessidades dos cidadãos, ter conteúdos diversos e variados, mostrar que se diferencia da televisão comercial

e oferecer inovação e excelência. Apesar das dificuldades, é primordial que as emissoras públicas continuem existindo de forma complementar às comerciais:

Por que a sociedade sustenta uma entidade prestadora de serviço público? Porque a atividade que essa entidade desenvolve corresponde a um direito da cidadania. Universidades ou escolas públicas justificam-se porque atendem o direito à educação. Hospitais públicos, por garantir o acesso do cidadão à saúde e aos tratamentos e cuidados a que tem direito. Uma emissora pública existe porque as pessoas têm direito (como autoras, agentes ou espectadoras) à informação jornalística, ao conhecimento e às manifestações culturais. [...] Elas [as emissoras públicas] só têm sentido social e histórico se estiverem a serviço da sociedade e dos direitos dos cidadãos. (BUCCI, 2010, p.5)

Nesse sentido, a televisão pública acaba por englobar as emissoras ligadas às instituições de ensino. Todavia, não se pode ignorar o ponto de vista de Bucci, que argumenta que os canais universitários, muitas vezes, fogem dos pré-requisitos de uma emissora pública: “Os canais universitários, muitas vezes, atuam como veículo de promoção das universidades a que pertencem” (BUCCI, 2010, p.15). Para o jornalista, o Brasil não possui nenhuma emissora pública completamente independente, já que muitas acabam por se submeter às peculiaridades das autoridades que as administram. Entretanto, o objeto de estudo desta pesquisa especificamente, está ligado a uma instituição pública de ensino e, mesmo que promova a universidade, cumpre os demais pré-requisitos para ser considerada televisão pública, e não comercial.

## 2.4 TELEVISÃO UNIVERSITÁRIA

Segundo os dados presentes no estatuto da Associação Brasileira de Televisão Universitária (MAGALHÃES, 2002, p.15), uma TV universitária (TVU) é aquela que, além de ser produzida por uma Instituição de Educação Superior (IES), é voltada estritamente à promoção da educação, da cultura e da cidadania, podendo ser transmitida por canais de televisão públicos e privados ou por meios convergentes, como a internet. A Lei Federal Nº 8.977/95 concede às universidades o direito de fazerem uso de um canal de televisão, mas a televisão universitária brasileira começou bem antes deste decreto – em 1968.

Em um mapeamento divulgado em 2020 pela ABTU<sup>2</sup>, o Brasil registrou 183 TV's Universitárias (TVUs) em atividade no país em 167 Instituições de Ensino, o

---

<sup>2</sup> O mapeamento mais recente pode ser acessado através do link: <http://www.mapatvu.org.br/>.

que ocorre porque algumas IES possuem mais de uma emissora universitária. No último censo da Educação Superior divulgado pelo Ministério da Educação em 2019, o país registrou 2.608 Instituições de Ensino. Cruzando este dado com a pesquisa da ABTU, conclui-se que apenas 6,4% das IES têm pelo menos uma televisão universitária.

Para esta pesquisa, serão consideradas televisões universitárias todas aquelas que, além de possuírem vínculo com uma instituição de ensino, cumprirem a função definida por Porcello (2002) de servir como um elo entre o conhecimento obtido na instituição acadêmica e a sua beneficiária mais direta: a sociedade. Para o professor, o papel principal de uma TV Universitária é levar para o alcance da população os conhecimentos provenientes do ensino e da pesquisa que são produzidos nos centros de saber.

Mas quais seriam as principais características de uma televisão universitária? Para Peixoto e Priolli (2004), os diferenciais dessas emissoras estão na sua forma de produção e em seus objetivos principais com os conteúdos produzidos:

Uma televisão feita com a participação de estudantes, professores e funcionários; com programação eclética e diversificada, sem restrições ao entretenimento, salvo aquelas impostas pela qualidade estética e a boa ética. Uma televisão voltada para todo o público interessado em cultura, informação e vida universitária, no qual prioritariamente se inclui, é certo, o próprio público acadêmico e aquele que gravita no seu entorno: familiares, fornecedores, vestibulandos, gestores públicos da educação etc. (PEIXOTO; PRIOLLI, 2004, p.4)

Porcello (2002) observa que uma televisão comprometida com tantas coisas como a universidade, o ensino, a cultura, a educação e a arte, e que ainda tem a finalidade de transformar a informação em conhecimento, deve sempre estar atenta para não se render aos índices de audiência. Por outro lado, ela “também não pode querer ser televisão sem observar as regras mínimas no ato de fazer TV” (PORCELLO, 2002, p.89). Para Favaretto (2018), os estudantes e profissionais que produzem as televisões universitárias devem sempre pautar seu trabalho levando em conta que esse meio de comunicação tem um compromisso com a sociedade que, por sua vez, a mantém.

Aliado a esse entendimento, é fundamental também pensar a TV universitária como um espaço de formação e informação – tanto indireta, pensando o público que ela atinge por meio da TV a cabo ou da internet, quanto direta, levando em conta o público que ela ajuda a formar enquanto é produzida. (FAVARETTO, 2018, p.61)

Esta é outra individualidade da televisão universitária que merece destaque: ela funciona de forma a ajudar tanto na formação do público quanto das pessoas responsáveis por produzi-la, já que pode ser considerada como um laboratório prático que ensina e qualifica os alunos a fazerem televisão. Como observa Coutinho (2006), mesmo não sendo um laboratório para as disciplinas da grade curricular, a concepção de uma TVU parte da ideia de “aprender fazendo”, então ela pode servir como um espaço de pesquisa, de forma a experimentar novos formatos e conteúdos que possam contribuir para as práticas de televisão no Brasil.

Mais do que atuar no desenvolvimento de novas abordagens e formatos, a TV universitária também tem o poder de impactar a forma como os alunos se relacionam com o ambiente de estudos e convivência social vivenciados durante a graduação (FORGIARINI, 2019). As TVUs têm uma forte influência na forma como os estudantes se relacionam com esse espaço universitário, e ainda contribuem para a formação de profissionais mais confiantes para sugerir ideias e experimentar diferentes formas de produção. O diretor da TV da Universidade Federal do Rio Grande do Sul fala de processos de produção da UFRGS TV, que são a base de todas as TVUs.

Por meio de programas que abordem a arte e a cultura, que falem de pesquisa científica ou de esportes, que tratem de questões de gênero ou de temas polêmicos do cotidiano, a UFRGS TV tem uma preocupação com uma informação que seja produzida, mediada, sugerida e assumida pelos estudantes, acreditando que eles são capazes de pensar sua prática profissional e seu compromisso ético e político de modo a produzir conteúdo de qualidade na mesma proporção em que produzem os próprios caminhos, por meio dos quais trilham uma transformação de si, da qual podem e devem ser os protagonistas. (FAVARETTO, 2018, p. 63 e 64)

Uma televisão universitária tem o dever de transpassar as salas de aula e corredores da universidade. Ela deve atingir a comunidade, divulgando princípios educativos, culturais e cidadãos para toda a sociedade e atuando como agentes facilitadores do diálogo entre a Instituição de Ensino e a comunidade em geral. Mais do que isso, também é necessário que as TVUs integrem os três pilares da educação: ensino, pesquisa e extensão, mostrando conteúdos de relevância cultural, social e educacional para alunos, professores, funcionários, terceirizados e também para o público em geral.



## 2.5 CONHECENDO A UFRGS TV

Inaugurada em 2005, a televisão universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul traz como objetivo promover o protagonismo do aluno durante as etapas de produção de conteúdos audiovisuais. Além da divulgação nas redes sociais e YouTube, parte dos conteúdos produzidos na emissora atualmente são veiculados na UNITV, canal 15 da NET, e distribuídos entre as demais instituições federais de ensino superior, que integram a Rede IFES. Para os alunos, funciona como um laboratório em que o conhecimento visto em sala de aula pode ser aplicado de forma prática. É uma atividade complementar que ajuda no ensino dos cursos da área da comunicação.

A televisão inserida em uma universidade pode servir como um elo para a divulgação de projetos e ações realizadas no meio científico (LISBÔA, 2010). Por uma falta de entendimento do seu papel social e por pressões políticas, a TV universitária acaba, muitas vezes, atuando em função dos interesses da reitoria, esquecendo que deve abranger toda a comunidade. Bucci (2010) já alertou sobre essa questão ao apontar que as TVUs tendem a promover a instituição de ensino em que estão inseridas. Nesse sentido, Forgiarini (2019, p. 32 e 33) explica que os conteúdos produzidos pela televisão universitária da UFRGS se dividem em cinco principais vertentes de atuação: a) jornalística – que tem como objetivo noticiar atividades e acontecimentos relacionados à universidade; b) científica – divulga ações de ensino, pesquisa e extensão; c) cultural – disseminação de informações sobre peças de teatro, shows e espetáculos promovidos pela instituição de ensino, assim como entrevistas com os artistas envolvidos; d) institucional – categoria destinada à promoção de ações institucionais da universidade, como o UFRGS Portas Abertas ou o Salão de Extensão; e e) perfil – que apresenta alunos, servidores, pesquisadores e extensionistas que tiveram suas trajetórias marcadas pela Universidade, mostrando como esses indivíduos constroem sua jornada em torno da UFRGS e o que a universidade representa para a vida dessas pessoas. Com as adaptações de programação realizadas durante a pandemia de Covid-19, entretanto, no momento de escrita desta pesquisa, a televisão conta com apenas quatro produções: o *UFRGS Mobilizada* é um programa diário com notícias e informativos da universidade; o *Minha Saudade da UFRGS*, que será apresentado no corpus, é um programa criado através de uma parceria entre a UFRGS TV e o

Jornal da Universidade e que vai ao ar semanalmente; o *Fala, Prograd*, que tem o apoio da Vice Pró-Reitoria de Graduação e do Núcleo de Inclusão e Acessibilidade da Universidade, ocorre quinzenalmente e tem o objetivo de responder dúvidas demandadas pelos alunos da universidade; e o *Lugar de Mulher*, que tem periodicidade mensal e tem a colaboração do projeto *Meninas da Ciência*, do Instituto de Física da UFRGS.

Atualmente, a UFRGS TV conta com cinco funcionários, sendo três do quadro estável da Universidade (um jornalista, um diretor de programa e um técnico em produção audiovisual), e dois terceirizados para apoio técnico. Além disso, a equipe também possui 16 bolsistas, sendo oito do curso de jornalismo, quatro de Publicidade e Propaganda, dois de Design, um de Teatro e um de Ciências Sociais. Alunos de qualquer curso podem trabalhar na TV da UFRGS, mas as bolsas de auxílio dependem das colaborações e parcerias feitas com as diferentes Unidades da universidade. Hoje a UFRGS TV tem parceria com o Instituto de Física, a Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD), a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), a Pró-Reitoria de Planejamento e Controladoria (PROPLAN), o Setor de Patrimônio Histórico (SPH), a Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT) e a Secretaria de Educação a Distância (SEAD).

A UFRGS TV não possui verba de produção ou fonte de recursos própria. Todas as necessidades financeiras são levadas ao conhecimento do Centro de Teledifusão Educativa da UFRGS (CTE), setor da universidade que engloba a Rádio e a TV e consegue mediar a aquisição de equipamentos através de projetos ou negociações com outros setores. A televisão da UFRGS conta com sete câmeras HD, nove ilhas de edição e um kit básico de luzes para gravações internas, embora ela não possua um estúdio próprio, o que limita as possibilidades desse tipo de filmagem – quando programas específicos precisam ser filmados em ambientes internos, as gravações são realizadas em espaços da universidade temporariamente cedidos para esta finalidade, como é o caso do *Pesquisa em Pauta*, que é gravado na Biblioteca da Faculdade de Arquitetura.

O diretor executivo da UFRGS TV entre 2005 e 2010, Paulo Cabral (apud LISBÔA, 2010), aponta que, desde sua concepção, a UFRGS TV foi pensada como um espaço laboratorial para os estudantes, onde eles tivessem a oportunidade de exercer a prática profissional e veicular um material de elaboração própria. Segundo

Cabral, convém aos alunos assumirem a responsabilidade profissional do cargo ocupado na Unidade Produtora.

No momento em que o aluno entra na UFRGSTV, ele está recebendo uma quantidade de conhecimento que normalmente ele só teria no mercado de trabalho, na prática profissional. Então ele tem a possibilidade de conhecer ferramentas, de processar esse material, como captar esse material, como deixar esse material com qualidade de exibição e como dimensionar suas necessidades. Procuramos capacitá-los para isso, nivelar o grupo para eles terem noções básicas e irem construindo esse conhecimento. Aprende-se muito com isso, porque os processos evoluem. (CABRAL, 2010 apud LISBÔA, 2010, p. 30)

Na prática, a direção é responsável por conduzir a linha editorial do canal, organizar a estrutura burocrática, liderar a produção dos programas, chamadas e especiais, e se manter em contato com a Equipe de Produção, que produz, grava e edita os materiais. Os programas são pensados a partir de pautas que surgem em reuniões internas da equipe e em sugestões recebidas por e-mail, pelas redes sociais ou por solicitação da Secretaria de Comunicação da Universidade. No modelo de trabalho remoto, os bolsistas contam com o apoio e orientação de pelo menos um funcionário em cada demanda.

Coutinho (2006) reforça que a televisão universitária realiza a síntese da missão de promover ensino, pesquisa e extensão, conferindo um sentido atual sobre como é possível cumprir a atividade-fim da academia: a educação. A televisão universitária integra diferentes diálogos e experiências, contribuindo para a transformação tanto dos espectadores quanto de seus próprios produtores.

Antes de entrar na parte analítica da pesquisa, falo sobre um aspecto essencial para embasar as discussões que virão em breve: a representação.

### 3 REPRESENTAÇÃO MUDIÁTICA

Sempre que penso sobre o conceito de representação, lembro da obra “A Traição das Imagens”, do pintor surrealista René Magritte. A pintura mostra um cachimbo, mas sua peculiaridade mora na frase abaixo da representação pictórica. *Ceci n'est pas une pipe* significa “Isto não é um cachimbo”. E não é mesmo. Magritte pintou um cachimbo, logo, o que vemos na imagem é uma representação, e não o objeto em si (FIGURA 2).

Figura 1 - A Traição das Imagens



Fonte: Portal Guia do Estudante<sup>3</sup>

Neste capítulo, apresento os conceitos de representação sob duas perspectivas: a cultural e a da psicologia social. Na sequência, abordo pesquisas que argumentam a relevância da representação de pessoas desvalorizadas socialmente nos meios de comunicação em geral.

#### 3.1 REPRESENTAÇÕES EM EVIDÊNCIA

Para o sociólogo jamaicano Stuart Hall, a representação é a parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os

---

<sup>3</sup> Disponível em:

<<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/saiba-mais-sobre-o-belga-rene-magritte-e-suas-obras-surrealistas/>>. Acesso em: 14 fev. 2022.

membros de uma cultura (HALL, 2016, p.31). Ele defende que a representação é o resultado da união entre a linguagem e um conjunto de conceitos mentais que, juntos, constroem o sentido das coisas.

O sentido não está no objeto, na pessoa ou na coisa, e muito menos na palavra. Somos nós quem fixamos o sentido tão firmemente que, depois de um tempo, ele parece natural e inevitável. O sentido é construído pelo sistema de representação. Ele é construído e fixado pelo código, que estabelece a correlação entre nosso sistema conceitual e nossa linguagem (HALL, 2016, p. 41-42)

Para explicar como esse conceito conecta sentido e linguagem à cultura, o teórico utiliza três abordagens principais: as teorias reflexiva, intencional e construtivista. Na teoria reflexiva, a linguagem funciona como um espelho que irá refletir o sentido verdadeiro que existe (HALL, 2016, p.47), fazendo com que as representações atuem como imitações da verdade. A teoria intencional argumenta que o verdadeiro sentido das representações é aquele que seu interlocutor quer que seja verdade (2016, p. 48). Já a teoria construtivista, que é a que está mais alinhada com esta pesquisa, mostra que as coisas não significam nada: são as pessoas que constroem os sentidos, utilizando conceitos e signos como sistemas representacionais (p. 48-49).

De acordo com ela, nós não devemos confundir o mundo material, onde as coisas e pessoas existem, com as práticas e processos simbólicos pelos quais representação, sentido e linguagem operam. Construtivistas não negam a existência do mundo material. No entanto, não é ele que transmite sentido, mas sim o sistema de linguagem, ou qualquer outro que usemos para representar nossos conceitos. São os atores sociais que usam os sistemas conceituais, o linguístico e outros sistemas representacionais de sua cultura para construir sentido, para fazer com que o mundo seja compreensível e para comunicar sobre esse mundo, inteligivelmente, para outros. (HALL, 2016, p. 48-49).

A representação também pode ser entendida como a reprodução de algo ou alguém que não está ali. Neste caso, a representação atua como um conjunto de estímulos realizados pelos seres humanos, que tem a finalidade de substituir um sinal ou som que não pode ocorrer naturalmente (BOWER<sup>4</sup>, 1977, p.58 apud. MOSCOVICI, 2007, p. 32). Diante disso, Moscovici (2007) explica a representação como um conhecimento construído socialmente a partir das perspectivas de mundo comuns a grupos de indivíduos. O psicólogo social caracteriza duas funções essenciais para as representações: a) convencionar pessoas, objetos ou acontecimentos. Aqui, a representação funciona como uma categorização que pode

---

<sup>4</sup> BOWER, T. The Perceptual World of the Child. Londres: Fontana, 1977.

vir a eliminar elementos que saiam de um padrão. Eliminando características particulares, essa categorização faz com que o signo pareça mais familiar, transformando a representação em um modelo de determinado tipo, distinto e compartilhado por um grupo (MOSCOVICI, 2007, p. 34); e b) representações são uma força que se impõem sobre as pessoas. Essa força é resultado de uma estrutura que decreta o que deve ser pensado (MOSCOVICI, 2007, p.36). Cabecinhas (2009) complementa esta análise mostrando que as representações sociais contribuem para a percepção de realidades comuns a determinados grupos:

Enquanto sistemas de interpretação, as representações sociais regulam a nossa relação com os outros e orientam o nosso comportamento. As representações intervêm ainda em processos tão variados como a difusão e a assimilação de conhecimento, a construção de identidades pessoais e sociais, o comportamento intra e intergrupar, as ações de resistência e de mudança social. Enquanto fenômenos cognitivos, as representações sociais são consideradas como o produto de uma atividade de apropriação da realidade exterior e, simultaneamente, como processo de elaboração psicológica e social da realidade. (CABECINHAS, 2009, p. 4)

Consequentemente, é necessária uma reflexão sobre a forma com que as pessoas atribuem sentidos às coisas. Para isso, preciso dar alguns passos para trás: de acordo com Berger e Luckmann (2012, p.38), existem múltiplas realidades, mas a predominante em nossas vidas é a realidade da vida cotidiana. Para os teóricos, a linguagem utilizada no cotidiano é responsável por marcar coordenadas da vida em sociedade e atribuir significados aos objetos que dele fazem parte, visto que é a linguagem e seus símbolos que determinam a ordem, o sentido e a importância das coisas. Por isso, entender a realidade do outro é essencial para a construção de saberes que habitam a vida cotidiana em uma sociedade compartilhada por diferentes pessoas. É neste contexto que entra a importância da representação midiática de minorias sociais para a construção de diferentes identidades e perspectivas.

### 3.2 POR QUE A DIFERENÇA PRECISA SER VISTA?

Cada ser humano é único e carrega suas próprias particularidades, escolhas, posicionamentos e visões de mundo, mas como ocorre o processo de construção de identidade? Para Silva (2012), a identidade está conectada à diferença, pois se todas as pessoas pensassem igual, a identidade não faria sentido. Dessa forma,

você entende sua própria identidade no processo de identificação das suas diferenças em relação ao outro, sendo elas positivas ou negativas. Assim, a identidade é construída através de processos de inclusão e exclusão de fatores – dizer o que sou também significa dizer o que não sou.

A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre "nós" e "eles". Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. Dividir o mundo social entre "nós" e "eles" significa classificar. O processo de classificação é central na vida social. Ele pode ser entendido como um ato de significação pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupos, em classes. (SILVA, 2012, p.82)

Esta classificação realizada socialmente a partir das identidades também pode funcionar como uma hierarquização, privilegiando determinados grupos em relação a outros. Isso acontece porque determinados grupos são vistos como um parâmetro, enquanto os demais acabam sendo avaliados de forma negativa (SILVA, 2012). Fechando a linha de raciocínio, o autor argumenta que tanto a identidade quanto a diferença são dependentes da representação: é a partir dela que a identidade e a diferença são criadas.

Para Hall (2016), as questões sobre a diferença podem ser vistas sob o aspecto de quatro principais abordagens teóricas: a) a diferença é essencial para a existência dos significados, que, assim como as identidades, são construídos através da oposição de dois ou mais fatores; b) a diferença é primordial porque a partir dela podemos construir significados através de diálogos com o outro; c) ela é a base do que chamamos de cultura, visto que a cultura depende dos significados que damos às coisas; d) em uma abordagem psicanalítica, a diferença faz parte da construção das personalidades e identidades sexuais dos sujeitos. (HALL, 2016, p.153-158)

Neste contexto, em que cada ser humano possui características e particularidades que o diferenciam dos demais, a representação midiática entra em cena.

Parte fundamental do processo social de constituição de sentido, as representações são organizadas e reguladas pelos diferentes discursos (legitimados, naturalizados, emergentes ou marginalizados) que circulam, colidem e articulam-se num determinado tempo e lugar. Logo, a construção (ou supressão) de significados, identificações, prazeres e conhecimentos – nos espaços e mercados midiáticos – envolve, necessariamente, a disputa pela hegemonia entre grupos sociais dominantes e subordinados, com consequências bastante concretas no tocante à distribuição de riquezas, prestígio e oportunidades de educação, emprego e participação na vida pública. (FREIRE FILHO, 2005, p.21)

De acordo com Orlandi e Rodrigues (2010), muitas vezes as coberturas da grande imprensa deixam de lado a pluralidade de vozes que podem ser apresentadas em diferentes situações (p. 141). Os meios de comunicação têm a responsabilidade de manter a diversidade e a pluralidade de diferentes identidades sociais, incluindo as minorias sociais em seus programas – o que se torna ainda mais necessário tendo em vista que o que não passa na TV se torna estranho à sensibilidade e ao conhecimento da sociedade (MACHADO, 1988, p. 8). As minorias sociais são os grupos sociais considerados marginalizados por alguma razão, como classe social, gênero, raça ou orientação sexual, por exemplo. Neste caso, conforme observado por Castro e Siqueira (2017), as minorias não necessariamente dizem respeito a um grupo que possui o menor número de pessoas. O estudo de Amâncio e Cabecinhas (2004) complementa explicando que alguns grupos sociais são vistos como minoritários “em função da sua diferenciação cultural face aos padrões estabelecidos pela cultura dominante” (AMÂNCIO; CABECINHAS, 2004, p.3).

Em seu relatório de Estratégia de Diversidade e Inclusão 2016-2020, a emissora inglesa BBC declarou que a forma como o público recebe e interpreta os conteúdos está diretamente relacionada com a cobertura que os meios de comunicação fazem sobre eles (BBC, 2016). A televisão é o meio de comunicação de massa mais popular, capaz de atingir cidadãos das mais diferentes classes sociais. Seria justo que todas essas pessoas se sentissem representadas em determinado momento ao assistir os conteúdos televisivos. Por isso, é importante verificar se diferentes grupos estão sendo bem representados e como é possível inverter o cenário em caso de sub-representação, entendendo que este fato pode constituir um obstáculo para a democracia. (LOURENÇO, 2017, p.86).

A falta de representação de minorias sociais também possui consequências no âmbito político. Conforme Young (2006, p.169) salienta, os grupos culturais minoritários ou desvalorizados na sociedade carecem de uma voz política efetiva. Os estudos de Young focam na representação política de minorias sociais, e a autora argumenta que existem três formas pelas quais as pessoas podem ser representadas: interesses, opiniões e perspectivas. A primeira forma é constituída por aspectos que afetam ou são importantes para os objetivos de indivíduos ou organizações. As opiniões são valores que fundamentam critérios sobre políticas que devem ser aplicadas ou metas que devem ser atingidas. Já a perspectiva social



é o conjunto de experiências, histórias e compreensões sociais que abrangem um determinado grupo de indivíduos (YOUNG, 2006).

As pessoas muitas vezes reclamam que os grupos sociais dos quais fazem parte ou com os quais têm afinidade não são devidamente representados nos organismos influentes de discussões e tomadas de decisão, tais como legislaturas, comissões e conselhos, assim como nas respectivas coberturas dos meios de comunicação. [...] Por essas razões, muitas propostas recentes de maior inclusão política nos processos democráticos defendem medidas que propiciem maior representação dos grupos sub-representados, especialmente quando esses grupos são minorias ou estão sujeitos a desigualdades estruturais. (YOUNG, 2006, p. 140).

Ao encontro desta linha de pensamento, Miguel (2011) alega que “a qualidade da representação é um indicador da qualidade da democracia enquanto realização da autonomia coletiva” (MIGUEL, 2011, p. 56). O autor complementa o raciocínio explicando que a representação fomenta a autonomia individual das pessoas, pois o diálogo e reflexões críticas que partem daí possuem papel fundamental para a produção dos interesses dos indivíduos.

Cabecinhas e Évora (2008) salientam que os meios de comunicação permitem a difusão de representações polêmicas, contribuindo para as mudanças sociais e se tornando, dessa forma, ferramentas para a visibilidade de minorias ativas. Conforme evidenciado por Araújo (2020), a chave da relevância das representações de minorias na televisão está no momento em que as demais pessoas pertencentes àquele grupo social se sentem representadas “em suas características físicas, comportamentais e ideológicas” (p. 21).

Em representações midiáticas de minorias sociais é importante um olhar atento para evitar o reforço de estereótipos. De acordo com Silveira (2019), a população bissexual, por exemplo, luta por mais visibilidade e representação tanto na mídia quanto na política. A pesquisadora argumenta que a representação midiática de mulheres bissexuais pode reforçar preconceitos sofridos por este grupo social: “essa representação muitas vezes se dá através de roteiros que perpetuam ideias antigas e abusam de estereótipos, o que pode aumentar a invisibilidade desta parcela já marginalizada da população e até mesmo acentuar a bifobia<sup>5</sup>” (SILVEIRA, 2019, p. 10). Avaliando a representação de pessoas negras na mídia, Hamermüller (2018) observa que a falta de representatividade afeta as expectativas de jovens negros, pois “além de terem como referência muitas significações indignas da população negra, ainda são poucos os que alcançam um lugar de sucesso e uma imagem séria

---

<sup>5</sup> Discriminação contra pessoas bissexuais (que possuem atração sexual por mais de um gênero).

e profissional” (HAMERMÜLLER, 2018, p. 46). A autora defende que a falta de inclusão da população negra em determinados espaços, como em telejornais, por exemplo, é uma problemática grave pois

“[...] tendo a televisão um relevante papel junto à população, como formadora de opinião e fonte de informações, acaba reforçando relações de dominação ou exclusão, resultando em uma relação de opressão, onde uma minoria – no sentido de grupo oprimido – é apresentada com uma conotação negativa. (HAMERMÜLLER, 2018, p. 16)

Os meios de comunicação precisam pensar estratégias para promover, cada vez mais, a diversidade através da representação de pessoas socialmente desvalorizadas tanto nos conteúdos quanto na programação oferecida, tomando o cuidado de fazer isto de uma forma que busque romper preconceitos ao invés de acentuá-los. A seguir, estudo o desempenho da UFRGS TV em relação à representação de minorias sociais, considerando episódios do programa *Minha Saudade da UFRGS* veiculados no intervalo de um ano, analisando os participantes que dão voz às edições selecionadas.

## 4 ANALISANDO REPRESENTAÇÕES DE MINORIAS SOCIAIS NO PROGRAMA *MINHA SAUDADE DA UFRGS*

Buscando entender como as minorias sociais representam a si mesmas no programa *Minha Saudade da UFRGS*, neste capítulo analiso os sentidos evidenciados em edições do programa, produzidas entre setembro de 2020 e agosto de 2021 pela UFRGS TV. Por estar relacionada à produção de sentidos, a metodologia escolhida para esta pesquisa foi a Análise de Discurso (AD) de linha francesa.

### 4.1 A ANÁLISE DE DISCURSO

A Análise de Discurso (AD) tem como objetivo compreender os sentidos presentes em textos, que aqui assumem o significado da parte visível de qualquer material produtor de sentido, verbal ou não verbal. Cada texto – letra, palavra, frase, parágrafo, som, imagem, postura – se configura em uma unidade de sentido. Segundo Eni Orlandi, a Análise de Discurso “tem seu ponto de apoio na reflexão que produz sobre o sujeito e o sentido, um relativamente ao outro já que considera que, ao significar, o sujeito se significa” (ORLANDI, 1994, p. 55). A autora argumenta que o discurso mostra a relação entre a linguagem e a ideologia, observando o sujeito como mediador desta relação.

Esses contextos precisam ser pensados na AD através do imaginário. Pêcheux (2016, p.237) percebe a formação imaginária como uma “antecipação da representação (de si e do outro)”. Cada palavra utilizada no discurso representa um significado, um contexto que explica a escolha daquele termo ao invés de outro. Um mesmo sentido pode ser interpretado de diferentes formas quando considerado o lugar de fala do interlocutor. Quem fala, quando fala, para quem fala, de onde fala e qual a intenção de falar – cada um desses aspectos deve ser levado em consideração, já que pode justificar uma diferença na leitura de um determinado discurso. É a imagem que fornece a força para o efeito do dizer.

[...] não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar da situação empírica

– os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos nos discursos. Essa é a distinção entre lugar e posição. (ORLANDI, 2000, p.40)

Nesse sentido, cabe ao analista de discurso observar os efeitos de sentidos produzidos em determinadas condições e que estão presentes na forma com que o discurso é proferido (ORLANDI, 2000, p. 30). Ele deve conectar os gestos de interpretação aos processos de identificação de sujeitos, descrevendo a relação dos sujeitos com suas memórias (ORLANDI, 2015, p.12). Essas conexões são realizadas através da análise dos sentidos remetidos a uma determinada formação discursiva.

Para isso, o conceito de ideologia é muito importante, e pode ser definida como aquilo que constitui os sujeitos, construindo-se na produção de evidências dos sentidos: quando se produz um sentido, na verdade está se retomando sentidos que já existem previamente (ORLANDI, 2000). Para a autora, a ideologia está sempre ligada ao inconsciente, e por isso não existe discurso sem o sujeito, nem sujeito sem ideologia. Por essa razão, a ideologia não pode ser pensada como ocultação ou apagamento, mas como “[...] função da relação necessária entre linguagem e mundo. Linguagem e mundo se refletem no sentido da refração, do efeito imaginário de um sobre o outro.” (ORLANDI, 2000, p. 47).

Aqui também cabe uma reflexão sobre os sujeitos, que não são irredutíveis, mas vivem em constante transformação. O sujeito é itinerante, ele perpassa e é perpassado pela diferença, habitando e sendo habitado por muitos discursos e formações discursivas.

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas nossas palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. (ORLANDI, 2000, p.32)

Desta forma, a autora sugere que se o discurso for pensado como um efeito de sentidos entre locutores, a linguagem precisa ser pensada como um aspecto necessário para a constituição de sujeitos e para a produção de sentidos (ORLANDI, 1994, p. 53).

A metodologia desta pesquisa tem como central o conceito de formações discursivas que, segundo Pêcheux (1995, p.60. grifo do autor), é “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o *que pode e deve ser dito* [...]”. A importância da formação discursiva (FD), que também é

chamada de sentido, ultrapassa a questão da classe social e busca na conjuntura social e histórica os fundamentos para desvelar aquilo que significa além de si mesmo. Benetti salienta que uma formação discursiva é um conjunto de sentidos correspondentes a uma ideologia ou perspectiva específica, considerando que “o sujeito se posiciona em um lugar para enunciar já inscrevendo os sentidos naquela formação discursiva” (BENETTI, 2016, p. 240). A formação discursiva é o que sustenta a AD, já que é a partir desta definição que o analista pode estabelecer regularidades nos discursos, compreendendo o processo de produção de sentidos e a relação deles com a ideologia do sujeito (ORLANDI, 2000, p. 43).

Dois conceitos importantes de serem pensados na Análise de Discurso são o que Orlandi chama de paráfrase e polissemia, que podem ser entendidos como o mesmo e o diferente, respectivamente. Na paráfrase, o discurso gira em torno de algo que já existe. Para Orlandi (2000, p. 36), a paráfrase é sinônimo de estabilização do discurso, representando novas formulações de um mesmo dizer. A paráfrase é a matriz do sentido: “não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo” (ORLANDI, 2000, p.38). Já a polissemia é a resignificação de sentidos, ou ainda a produção de sentidos metafóricos. Orlandi (2015) complementa que o trabalho da polissemia está atribuído à memória:

[...] é essencial, para compreender esse movimento contraditório entre paráfrase e polissemia, a consideração do que chamamos condições de produção no sentido lato, que põem em jogo não só a relação entre a situação e os locutores, mas a destes com a exterioridade (historicidade, interdiscurso). Essa relação com a memória é constituída pela ideologia, seus efeitos, sem os quais não é possível apreender a relação entre o mesmo e o diferente, dado o fato de que, apenas no nível do que aparece (se apresenta como), não é possível distinguir entre estes dois processos (ORLANDI, 2015, p. 15-16).

Em resumo, a paráfrase é a repetição de um sentido que já existe, enquanto a polissemia é a produção de um novo sentido. Os sujeitos e sentidos existem e se significam nessa transição entre a paráfrase e a polissemia. Na AD, é papel do analista perceber a relação entre ideologia e linguagem na produção de sentidos, atentando-se às paráfrases e polissemias presentes em diferentes falas.

Neste contexto, é importante olhar também para o conceito de interdiscurso, que se relaciona com a memória discursiva. A partir do interdiscurso, é possível observar falas que afetam a forma com que o sujeito constrói significados. Orlandi (2000, p.33) conceitua o interdiscurso como “todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos”.

Conforme Benetti (2007), a análise deve ser iniciada a partir do próprio texto (ou, no caso desta pesquisa, dos depoimentos registrados nos episódios analisados). Tendo em mente a questão da pesquisa, que deve nortear todo o mapeamento de sentidos, o primeiro passo é a identificação das formações discursivas (FDs), sentidos que se repetem com frequência no discurso.

A lógica da AD nos diz que um sentido sempre vem representar aquilo que poderia ser dito, naquela conjuntura específica, por aqueles sujeitos em particular, instados ideologicamente a dizer uma coisa, e não outra. Por isso conceitua-se uma formação discursiva como aquilo que pode e deve ser dito, em oposição ao que não pode e não deve ser dito (BENETTI, 2007, p. 112).

Depois de definidas, as FDs podem ser renomeadas com o sentido principal de cada uma para facilitar o processo. Cada trecho analisado dentro de uma FD é chamado de sequência discursiva (SD).

A teórica alerta que o pesquisador não pode, de forma alguma, mostrar apenas os sentidos que confirmam a sua hipótese: os sentidos que a invalidam também precisam ser analisados, ou a pesquisa de nada vale. Além disso, é importante ter em mente que os sentidos e os discursos são fluidos e estão sujeitos aos equívocos provocados pela língua, o que os tornam suscetíveis a mudanças.

## 4.2 CORPUS DA PESQUISA

De acordo com Benetti (2016, p.245), “o corpus é um recorte arbitrário de unidades do objeto empírico”. A pesquisadora orienta que existem três questionamentos que devem ser a base para a definição de tal recorte: quantas unidades são necessárias para que os resultados da pesquisa sejam válidos? Quantas unidades podem ser analisadas no tempo que o pesquisador tem destinado para fazer a análise? O recorte temporal é pertinente? Para Bauer e Aarts<sup>6</sup> (apud BENETTI, 2016), o corpus precisa ter sincronidade e homogeneidade. Isso significa que os materiais precisam ser coletados em um ciclo de tempo determinado, e que eles preferencialmente devem pertencer a um mesmo suporte ou meio.

---

<sup>6</sup> BAUER, Martin; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis: Vozes, 2002.

O programa *Minha Saudade da UFRGS* foi escolhido por ser um registro histórico do momento em que ele foi criado, em meio a um cenário pandêmico mundial. Com o distanciamento social como uma necessidade para amenizar a contaminação de COVID-19, os membros da comunidade acadêmica se viram longe da universidade por mais tempo do que o previsto. O programa nasceu um semestre após a paralisação das atividades presenciais nos campi da UFRGS, e convida os participantes a refletirem sobre quais aspectos da universidade eles sentem falta. Este convite faz com que os participantes tenham a tendência de guiar suas narrativas para um lado sentimental e nostálgico, abrindo espaço para reflexões sobre angústias, vitórias e emoções vivenciadas no ambiente acadêmico, além do lugar social que ocupam no contexto da UFRGS. O *Minha saudade de UFRGS* está enquadrado dentro do formato TV realidade – reality TV –, em que as experiências cotidianas banais são processadas de forma singular pela mídia, assumindo o lugar de protagonistas nas narrativas. O mundo vivido é percebido como verdadeiro e credível, e a técnica televisiva flerta com a etnografia para buscar a máxima realidade.

O programa estreou no dia 24 de setembro de 2020, indo ao ar semanalmente no canal do *YouTube* da UFRGS TV. Definido o recorte temporal entre setembro de 2020 e agosto de 2021, foi mapeado um quadro com todos os perfis que construíssem sentidos sobre temas relacionados às minorias sociais. No recorte de um ano do programa analisado, foram ao ar 40 edições, com um total de 43 depoentes. Dessa amostra, 17 pessoas faziam parte de uma minoria social, representando 39,5% do conteúdo geral. Analisando esses 17 programas, percebi que 4 pessoas não incluem, em seus discursos, nenhum sentido relacionado sobre a vivência enquanto uma minoria social<sup>7</sup>. Com isso, apenas 30,2% da amostra total foi utilizada na análise. A seguir, são analisadas 13 edições do programa, em que os depoentes de cada edição são pessoas que fazem parte de determinados grupos sociais desvalorizados: pessoas com deficiência (Evelyn Gonçalves e Karine Rodrigues), indígenas (Eleonir Fidelis, Raquel Kubeo e Julio de Paula Kaingang), negros (Brenda Santos, Laís Dias Gomes, Narrador Kanhanga) e LGBT's (Luciana Nunes, Freya Costa, Taís Severo, Célio Golin e Vinícius Jean Barth). A questão de

---

<sup>7</sup> Esse comportamento, que está no direito de ver e construir de maneira mais adequada na sociedade, não está em julgamento – e seria importante chegar ao momento social e político em que isso seja possível. Mas como o recorte da pesquisa precisa dos sentidos de referencialidade do que é ser uma minoria, essa amostra não foi computada.

gênero também apareceu como um atravessamento em determinadas falas, como será exibido no aprofundamento da análise. Como as mulheres estão presentes em muitas edições do programa, as questões de gênero serão analisadas na pesquisa apenas quando estiverem associadas a outra desvalorização social. Através da análise de discurso, busquei compreender como as minorias sociais se autoconstroem no referido programa.

#### 4.3 MINORIAS SOCIAIS SE AUTOCONSTRUINDO EM UMA TELEVISÃO UNIVERSITÁRIA

O primeiro passo para a análise foi a escuta atenta de cada programa selecionado, buscando entender a relação entre os relatos e o problema de pesquisa. Por se tratar da análise de um programa de televisão, nesse processo foi mantida a transposição da fala oral, que não obedece às mesmas regras da fala escrita, mas possui uma espontaneidade e proximidade que a língua culta não tem. A partir deste método, foram identificados seis sentidos principais que se repetem em muitos discursos, construindo assim as FDs da pesquisa:

FD1. A minoria que convive com o preconceito

FD2. A minoria excluída

FD3. A minoria que realiza

FD4. A minoria que se sente acolhida

FD5. A minoria que viu mudanças na sociedade

FD6. A minoria que se vê privilegiada

Após a identificação dos principais sentidos presentes nos relatos, os programas foram assistidos novamente, para que fosse realizada a identificação das sequências discursivas – trechos recortados do discurso – que compõem cada FD. Ao todo, foram identificadas 67 SDs, numeradas de SD1 a SD67. Por terem mais de um sentido presente nas falas, 13 SDs estão filiadas a mais de uma formação discursiva, totalizando 80 incidências de sentidos em todos os discursos. Para a compreensão dos sentidos mais frequentes presentes no discurso, realizei o cálculo que mostra a porcentagem de cada sentido em todo o material analisado – considerando como 100% as 80 sequências discursivas. Na Tabela 1 é possível



verificar a quantidade de SDs presente em cada FD, assim como a porcentagem das SDs nos discursos.

**Tabela 1 - Formações Discursivas e Incidência de Sequências Discursivas**

<b>Formações Discursivas (FDs)</b>	<b>Total de SDs</b>	<b>% de SDs</b>
FD1 - A minoria que convive com o preconceito	18	22,5%
FD2 - A minoria excluída	17	21,25%
FD3 - A minoria que realiza	16	20%
FD4 - A minoria que viu mudanças na sociedade	14	17,5%
FD5 - A minoria que se sente acolhida	13	16,25%
FD6 - A minoria que se vê privilegiada	2	2,5%
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

A seguir, apresento cada Formação Discursiva, exemplificando os sentidos construídos através de sequências inseridas nas FDs. As sequências vão ser apresentadas recuadas no texto, em fonte no tamanho 10. Dentro da proposta de trabalhar a inclusão, mesmo sendo analisadas dentro de uma categoria, as SDs ainda trazem a identificação de seus autores: é no processo de declarar em primeira pessoa o perceber e o viver que a visibilidade ganha força para além de um conceito.

#### 4.3.1 A minoria que convive com o preconceito

Para Borrillo (2010), preconceitos como racismo, homofobia, xenofobia e capacitismo são manifestações que veem o indivíduo como “contrário, inferior ou anormal”. O preconceito cria distanciamentos e coloca essas pessoas diferentes a serem vistas como indivíduos “fora do universo comum dos humanos” (BORRILLO, 2010, p. 13). Nesse sentido, nas sequências discursivas analisadas, apareceram discursos indicando diferentes tipos de preconceitos, como racismo, homofobia, transfobia e capacitismo. Ao longo das 18 sequências discursivas desta FD, é possível acompanhar percepções e posicionamentos contra esses tipos de discriminação. Como muitos sentidos trazidos nos discursos sobre transfobia e homofobia se referem à comunidade LGBTQIA+ de uma forma geral, ambos os

temas foram unidos para fins de análise na subcategoria LGBTfobia – termo que engloba as formas de discriminação e violência contra a população LGBTQIA+.

Dessa forma, as subcategorias encontradas nessa formação discursiva são: 1) LGBTfobia; 2) racismo e 3) diferentes opressões, conforme mostra a tabela.

**Tabela 2 - FD1: A minoria que convive com o preconceito**

<b>FD1 - A minoria que convive com o preconceito</b>	<b>Total de SDs</b>	<b>% de SDs</b>
LGBTfobia	7	38,88%
Racismo	5	27,77%
Diferentes opressões	6	33,33%
<b>Total</b>	<b>18</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

#### 4.3.1.1 LGBTfobia

Daniel Borrillo define a LGBTfobia<sup>8</sup> como o medo de valorização da identidade LGBT, colocando em risco a “hierarquia da ordem heterossexual” (BORRILLO, 2010, p.17). O pesquisador afirma que essa forma de preconceito aparece por insultos e injúrias na vida cotidiana, mas também pode ser percebida em textos, discursos e até mesmo debates públicos. Nos discursos analisados nesta pesquisa, a discriminação relacionada a sexualidades teve incidência em oito diferentes discursos. O primeiro relato com esse viés foi o de Freya Costa, mulher transgênero que estuda psicologia na UFRGS. Em sua fala, ela observa que na universidade ainda existe muito preconceito calado, disfarçado em pequenos atos cotidianos:

Ainda tem muito preconceito, na universidade, tem muito preconceito calado, principalmente. Nem sempre é calado, mas tem muita essa questão do preconceito calado. (SD33, FREYA COSTA)

Na sequência, Freya relaciona a falta de inclusão de pessoas como ela no mercado de trabalho com uma das formas desse preconceito que ela chama de calado: a justificativa de pessoas cisgênero que dizem não saber como se comunicar com as pessoas transgênero.

[...] não somos alienígenas, que existe um jeito específico de falar com a gente. É só falar como tu fala com qualquer outra pessoa. Se tu for fazer

<sup>8</sup> Em seu livro, lançado em 2010, Borrillo utiliza esta definição para homofobia. O termo foi adaptado nesta pesquisa pois o correto atualmente é englobar todas as formas de preconceito relacionadas a comunidade LGBTQIA+, incluindo bifobia, transfobia e lesbofobia, entre outras discriminações.

uma pergunta que tu faria para uma pessoa cis, tu pode fazer, sabe? (SD35, FREYA COSTA)

A transfobia também aparece na fala de Taís Severo, estudante de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Como publicitária e pesquisadora, ela acredita que temas como gênero e sexualidade precisam ser mais discutidos em sala de aula para que os futuros profissionais não reproduzam preconceitos e generalizações através de seus trabalhos:

A gente ainda vê, principalmente a publicidade e jornalismo, lidando esses temas de uma maneira muito insegura, errando muito, fazendo muita generalização, então tem um aspecto que eu considero muito importante que é ajudar a formar profissionais que vão estar no mercado, que vão estar não necessariamente falando desses temas, mas para falar como um todo, com a sociedade. (SD37, TAÍS SEVERO)

Para Borrillo (2010), o preconceito tem uma forte relação com o estereótipo, já que “ao manter certa distância, o estereótipo permite ao homofóbico ganhar confiança” (BORRILLO, 201, p.100). Indo ao encontro dessa perspectiva, Taís também relaciona o preconceito com a falta de conhecimento sobre o assunto.

Uma pessoa que vai contra os temas LGBT, ela não vai nunca ter compreensão, porque ela não tá aberta para compreender, ela não tá abrindo o espaço de aprendizado que é necessário e é natural, como algumas pessoas tomam como uma ofensa, como se elas não soubessem de alguma coisa. (SD42, TAÍS SEVERO)

Célio Golin, um dos fundadores do Nuances: Grupo Pela Livre Orientação Sexual, fala sobre os preconceitos que ele percebia e sofria na década de 1990, enquanto estudante universitário da UFRGS, e a visão que tem atualmente sobre como a sociedade enxerga a população LGBT:

Houve um empoderamento e um reconhecimento muito grande, mas como é uma questão ainda tabu, [...] há uma visão limitada da sociedade que vê os e as LGBT a partir do desejo, do tesão e da sexualidade e tal. Não com uma complexidade maior, ele é um tema que está colocado hoje de forma extremamente negativa para nós nesse sentido. (SD48, CÉLIO GOLIN)

#### 4.3.1.2 Racismo

O racismo aparece de duas formas nesta análise: contra pessoas negras e contra pessoas indígenas. De acordo com o *Pequeno Manual Antirracista* (RIBEIRO, 2019), o racismo precisa ser entendido como estrutural, porque as opressões contra essas populações já estão enraizadas na sociedade brasileira: “O racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato da

vontade de um indivíduo” (RIBEIRO, 2019, p.7). Até a utilização do termo “escravos” no lugar de “pessoas escravizadas” nos mostra como o racismo está profundamente inserido no contexto atual. Sob essa conjuntura, a fala de Brenda Santos mostra que a inclusão de pessoas negras no ambiente da saúde, por exemplo, é importante no sentido de respeito de diversidades, mas também para fornecer um melhor atendimento para pacientes negros, considerando a empatia e o conhecimento do profissional:

Por isso é muito importante falar sobre isso na universidade. Não só do ponto de vista social, do ponto de vista de que é importante respeitar todas as diversidades, mas do ponto de vista clínico também, profissional. Eu ter um profissional negro, talvez ele vá ter um tino diferente de um profissional branco para fazer um comentário diferente, entendeu? Para ter um manejo com paciente negro diferente por proximidade. (SD15, BRENDA SANTOS)

Para a autora Djamilia Ribeiro (2019, p.11), são as opressões de classe, de gênero e de raça que incidem sobre as mulheres negras, tornando o processo antirracista ainda mais complexo nesses casos.

Tá nessa comunidade, tá dentro de um padrão de excelência é muito bom, mas é muita responsabilidade também. Ainda mais sendo uma mulher negra, é mais importante ainda, sabe? (SD16, BRENDA SANTOS)

Já o racismo contra pessoas indígenas é histórico: “desde a chegada dos europeus ao continente; racismo que se estende também, é preciso dizer, à forma como são tratados pela universidade” (MILANEZ et al, 2019, p. 2170). A fala da pesquisadora indígena Raquel Kubeo mostra que os indígenas ainda são vistos como pessoas em desvantagem intelectual:

[...] e assim, quebrar as barreiras do preconceito e do racismo na sociedade, porque é sempre cobrado da gente que a gente é atrasado, que a gente ainda não tem um nível de educação necessário para frequentar certos espaços. (SD62, RAQUEL KUBEO)

#### 4.3.1.3 Diferentes opressões

Nesse contexto, seis discursos trazem o ponto de vista que mostra que diferentes opressões acontecem tanto no ambiente universitário quanto em demais espaços da sociedade de maneira geral. O capacitismo é, de acordo com Carla Vendramin (2019, p. 17), “a leitura que se faz a respeito de pessoas com deficiência, assumindo que a condição corporal destas é algo que, naturalmente, as define como menos capazes”. Karen Rodrigues, graduanda do curso de Música, que possui

deficiência visual, fala que é uma pessoa como qualquer outra. Ser vista como um exemplo de superação por ter uma limitação física, neste caso, é um exemplo de como o capacitismo se constrói no cotidiano:

É uma mudança de paradigmas. Coisas assim "ah, a Karine é..." Todo mundo gosta de dizer né... "É um exemplo de superação". Não, eu sou igual aos outros colegas. Se eu tiver condições para aprender, eu vou aprender. (SD8, KARINE RODRIGUES)

Freya Costa, estudante transgênero da Graduação em Psicologia, e Vinícius Jean Barth, aluno do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, mostram um sentimento de revolta e indignação relacionado a ocorrências de opressões dentro do espaço universitário.

Eu acho que o que falta realmente é ações para impedirem que ações preconceituosas acabem acontecendo dentro da universidade. (SD34, FREYA COSTA)

Não tem mais vez deixar o preconceito acontecer. Eu acho que a gente tem que denunciar se isso acontece nos espaços em sala de aula, se o aluno se sente oprimido em alguma situação. (SD55, VINÍCIUS JEAN BARTH)

Complementando, Vinicius também revisita seu passado contando que o ambiente universitário era opressor para diversas minorias sociais.

Como eu sou estudante oriundo das Ciências Agrárias na graduação, era um ambiente bastante masculinizado, bastante machista, homofóbico, tem toda uma opressão em torno disso. (SD52, VINÍCIUS JEAN BARTH)

Considerando que vivemos em uma sociedade onde há a democratização da informação, o aluno finaliza o seu ponto de vista dizendo que não existe mais espaço para o preconceito no contexto atual.

Não tem mais espaço para a homofobia, para a transfobia, para o racismo, para o machismo. A gente tem que desconstruir e mudar a sociedade. (SD56, VINÍCIUS JEAN BARTH)

#### **4.3.2 A minoria excluída**

Representando 21,25% do corpus, esta formação discursiva reúne discursos que trazem, de forma explícita ou não, o sentimento de exclusão de determinados espaços da sociedade – em especial na universidade, que é o ambiente em foco no programa analisado. A falta de representação em salas de aula, cursos e áreas de atuação, a falta de acessibilidade e de inclusão aparecem frequentemente em diferentes falas analisadas. Desta forma, os sentidos desta FD podem ser agrupados em três subcategorias: a) a falta de representatividade; b) a falta de

acessibilidade; e c) a falta de inclusão. A Tabela 3 mostra o índice de incidência de cada categoria na Formação Discursiva analisada.

**Tabela 3 - FD2: A minoria excluída**

<b>FD2 - A minoria excluída</b>	<b>Total de SDs</b>	<b>% de SDs</b>
A falta de representatividade	8	47,05%
A falta de acessibilidade	6	35,29%
A falta de inclusão	3	17,64%
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

#### 4.3.2.1 A falta de representatividade

No capítulo sobre representação midiática, foi apresentada a importância da representação para a construção da identidade dos sujeitos. Durante a análise, pessoas inseridas em diferentes grupos sociais (pessoas negras, LGBTQs e indígenas) relataram sentir falta da representatividade no ambiente acadêmico e profissional. Brenda Santos e Laís Dias Gomes, mulheres negras estudantes de odontologia e medicina, respectivamente, descrevem o assunto através desse lugar de fala:

Eles [alunos negros] estão em monitoria, eles estão em extensão, eles estão no diretório acadêmico, só que eles não conseguem se ver... A gente não consegue se ver no corpo docente. (SD13, BRENDA SANTOS)

Além do tópico racial, uma sequência discursiva de Laís mostra o atravessamento desse assunto com as questões relacionadas ao gênero. Conforme evidenciado por Alcântara e Júnior (2020), a presença de mulheres negras no ensino superior não só é afetada por questões históricas atreladas ao processo de escolarização de mulheres brancas e negras. A baixa inclusão de mulheres negras no ensino superior é evidenciada na SD abaixo:

E além de tudo isso, ainda tem toda a questão étnica né, tem toda a questão de ser uma mulher, de ser uma mulher preta, e do quanto poucas mulheres pretas eu via dentro da faculdade, pouquíssimas. (SD21, LAÍS DIAS GOMES)

Conforme Hamermüller (2018, p.46), o baixo índice de representação negra diminui os objetivos de vida de jovens negros, que perdem as esperanças de sucesso ao não verem representações de pessoas negras atreladas a imagem de

profissionalismo e seriedade. Isso pode ser evidenciado nos três relatos já exibidos nessa subcategoria, observando que Brenda fala sobre a importância de professores negros no corpo docente universitário, e Laís faz uma observação unindo as perspectivas racial e de gênero.

Sob o ponto de vista da comunidade LGBTQIA+, Célio Golin, ex-aluno da UFRGS e coordenador de grupo Nuances, uma das primeiras iniciativas brasileiras que lutam pela diversidade sexual, analisa que, em sua época universitária, ele sentia a falta de movimentos que defendessem a liberdade de diferentes orientações sexuais, e como a universidade foi importante para sua convivência com pessoas que também se enquadram na comunidade LGBT.

[...] **não havia movimento LGBT ainda**, então para mim a Casa do Estudante também foi um espaço importante de conhecer e conviver com essas pessoas. (SD44, CÉLIO GOLIN)

Já a aluna de psicologia Freya Costa chama a atenção para uma diferente perspectiva: a falta de profissionais transgênero na psicoterapia, fato que foi uma das motivações para a sua escolha de curso:

Por ser uma pessoa trans [...], a gente acaba identificando uma escassez de profissionais da psicologia que conseguem oferecer um serviço de qualidade para a gente, psicoterapia de qualidade. (SD31, FREYA COSTA)

Nesse sentido, tendo em vista que o grupo de pessoas transgênero é um dos mais marginalizados socialmente, sua representatividade em diferentes espaços é essencial, visto que essas pessoas ainda sofrem com a falta de itens fundamentais como educação, saúde e emprego (COELHO *et al*, 2018). Também no lugar de fala de mulher transgênero, Taís Severo complementa a reflexão observando que a falta de representatividade coloca o grupo em um espaço onde ele não pode ser visto ou escutado.

[...] sem representatividade permanece-se no subterrâneo e a comunicação nos ajuda a trazer isso à tona. (SD39, TAÍS SEVERO)

A Mestre em Educação e ativista indígena Raquel Kubeo observa a pouca presença de indígenas na universidade, seja como estudantes, corpo docente ou servidores.

A primeira barreira é estar dentro da universidade. Ter poucas ou quase nenhuma representação indígena, tanto com os meus colegas, mas também com os professores, que infelizmente a gente não tem ainda nenhum professor indígena ali no Programa de Educação. (SD61, RAQUEL KUBEO)

Dorneles e Veronese (2018), explicam que a democracia pautada na diversidade e pluralidade de ideias é o resultado da representação e visibilidade de

grupos marginalizados, como é o caso dos indígenas: “Somente a partir dessa abertura para vencer o preconceito, os indígenas poderão deliberar e firmar presença no debate de temas relevantes, projetando seus interesses e necessidades” (DORNELES; VERONESE, 2018, p.57).

#### 4.3.2.2 A falta de acessibilidade

Durante a análise, foi possível constatar a repetição de sentidos sobre a falta de um ambiente acessível para a inclusão de minorias sociais no espaço universitário. As primeiras evidências desse eixo de sentido aparecem em diferentes falas de Evelyn Gonçalves, que possui deficiências físicas – utiliza próteses nas duas pernas e não tem a mão direita. Seus relatos estão conectados à falta de acessibilidade arquitetônica nos espaços da UFRGS.

Durante a pandemia, eu sinto muita falta do espaço físico, por mais que ele seja totalmente inacessível. (SD3, EVELYN GONÇALVES)

Já para Karine Rodrigues, que possui deficiência visual, uma aula se tornava inacessível quando não havia inclusão para cegos.

Eu tenho um momento que eu lembro de uma aula também que o professor tava fazendo muitas descrições do material que ele tava apresentando, que era em vídeo, e em um momento ele não fala o que os músicos fizeram lá. (SD5, KARINE RODRIGUES)

Neste caso, a falta de inclusão é referente ao despreparo do docente para fornecer à aluna as condições necessárias para que ela desenvolva suas atividades acadêmicas em posição de igualdade com os demais colegas. Conforme Garcia *et al* (2018), o acesso à educação superior para pessoas com deficiência não está restrito apenas às adaptações de espaço, mas aos conteúdos e as aulas, que também devem ser pensadas de forma inclusiva.

Também sobre a adaptação de conteúdo, Raquel Kubeo traz a perspectiva dos estudantes indígenas, relatando a dificuldade desses alunos na realização de provas de proficiência nos idiomas inglês ou espanhol, considerando que o português já é uma segunda língua para a maioria dos estudantes que vêm de comunidades indígenas.

[...] na prova de proficiência, [...] como aluno indígena, a gente tem um pouco mais de dificuldade. (SD60, RAQUEL KUBEO)



#### 4.3.2.3 A falta de inclusão

Há, também, falas que mostram a falta de inclusão de determinados grupos. Laís Dias Gomes diz que, como mulher negra, submetida às discriminações por raça e por gênero, ela sente constantemente a sensação de não pertencimento a diferentes espaços, o que acontece como uma consequência da falta de inclusão.

A gente tem um pensamento automático quando a gente é preto, de que a gente não merece as coisas e isso não é uma coisa assim, um exagero nem nada, é um pensamento automático e inconsciente assim sabe, de que a gente não merece algumas coisas e de que a gente não pertence a alguns lugares. (SD18, LAÍS DIAS GOMES)

O estudo *Racial and Gender Differences in the Relationship Between Children's Television Use and Self-Esteem: A Longitudinal Panel Study*, de Martins e Harrison (2012) evidenciou que assistir televisão aumenta a autoestima de meninos brancos ao mesmo tempo em que diminui a de meninos negros e de meninas brancas e negras. De acordo com as pesquisadoras, a ausência de determinados grupos sociais e os estereótipos negativos relacionados a eles estão diretamente relacionados com os resultados obtidos na pesquisa. A representação de pessoas negras que atuam como médicos em novelas e filmes, por exemplo, é pequena – um reflexo da realidade. A pesquisa *Demografia Médica do Brasil* (apud FRAGA, 2021), elaborada em 2020 pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) em parceria com a Universidade de São Paulo (USP), aponta que apenas 3,4% dos concluintes do curso de medicina em 2019 se autodeclararam negros, 24,3% se declararam pardos e 67,1% brancos. A sensação de não pertencimento sentida por Laís está ligada à falta de inclusão de pessoas negras nessas posições.

As dificuldades para a inclusão em determinados espaços também podem ser evidenciadas a partir do ponto de vista do estudante indígena Julio de Paula Kaingang, que comenta sobre as diferenças do ambiente acadêmico em relação à comunidade, além de relatar também dificuldades encontradas na própria grade curricular do curso.

É difícil morar longe da família, a gente não se adapta muito bem ao ambiente. [...] Muitas vezes, a gente não se adapta muito bem ao currículo da grade curricular da UFRGS também. (SD67, JULIO DE PAULA KAIKANG)

### 4.3.3 A minoria que realiza

Ao longo da amostra, 16 falas mostraram ações que foram realizadas com o intuito – explícito ou não – de transformar o contexto de marginalização de minorias sociais. Esta formação discursiva reúne todos os depoimentos que estão interligados com a ideia de transformação deste contexto, como a indígena que inclui sua comunidade em trabalhos acadêmicos, a negra que foi a primeira a estudar medicina na família, e a mulher transgênero que estuda psicologia para oferecer um serviço de terapia mais humano para outras pessoas transgênero. Foram identificadas duas subcategorias dentro dessa FD: 1) a minoria que transforma contextos; e 2) a minoria que quer mudanças.

Tabela 4 - FD3: A minoria que realiza

FD3 - A minoria que realiza	Total de SDs	% de SDs
A minoria que transforma contextos	11	68,75%
A minoria que quer mudanças	5	31,25%
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

#### 4.3.3.1 A minoria que transforma contextos

Esta pesquisa já trouxe anteriormente a argumentação de que a representação é necessária para a construção da identidade de um ser. Nesse sentido, exemplifico essa subcategoria mostrando pessoas que buscam incluir e serem incluídas enquanto minorias sociais em diferentes espaços. É o caso de Raquel Kubeo, estudante indígena que registrou a história da comunidade em que ela vive em sua pesquisa acadêmica e disponibilizou a pesquisa em idiomas indígenas, democratizando o acesso dessas informações para esses grupos sociais.

Para fazer essa revitalização, para poder manter essas histórias, eu procurei trazer a partir da história da minha mãe, como mulher indígena que foi para a cidade [...]. (SD58, RAQUEL KUBEO)

Na minha dissertação, foi pensada duas traduções em línguas indígenas, tanto na língua tucano, que é do Amazonas, quanto para o mbyá guarani, que é daqui do Rio Grande do Sul. (SD59, RAQUEL KUBEO)

A fala de Raquel também mostra um dos desafios encontrados e superados durante sua jornada acadêmica: a dupla jornada entre a vida profissional e acadêmica.

Muitas vezes eu vi que a universidade tem esse lado de que o pesquisador, a pesquisadora, vai tá 100% para a pesquisa, mas que na realidade para nós não é assim, existe isso da vida que é além da pesquisa, da vida que muitos dependem de nós. (SD65, RAQUEL KUBEO)

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apenas 18% dos médicos brasileiros se autodeclaram negros<sup>9</sup>. Nessa conjuntura, Laís Dias Gomes comenta que é a primeira pessoa da família a cursar medicina e como isso muda o contexto de representatividade para as próximas gerações de seu ciclo familiar.

Eu sou a primeira pessoa da minha família que faz medicina, ou que já fez medicina. As pessoas podem não perceber isso de maneira tão direta, mas ter pessoas na tua família que já fizeram aquilo que tu quer fazer faz uma diferença grande porque tu já cria um pensamento automático de que tu é capaz. (SD20, LAÍS DIAS GOMES)

O conhecimento exerce um forte poder de transformação, e esse sentido aparece a seguir, onde Laís complementa a linha de raciocínio salientando que o acesso à educação tem grande impacto para que ela sonhe e busque alcançar seus objetivos:

Esse é o significado da UFRGS para mim: é uma confirmação de que eu posso ter grandes sonhos, querer grandes coisas, querer diferentes coisas, e eu posso realizar isso, transformar isso em verdade na minha vida. (SD22, LAÍS DIAS GOMES)

Uma pesquisa realizada pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), em 2017, mostrou que a falta de inserção no mercado de trabalho – causada pela exclusão social, escolar e familiar – contribui para que cerca de 90% da população brasileira transgênero exerça a prostituição como fonte de renda. Freya Costa faz parte dos 10% que não se inserem nessa conjuntura. Com acesso à educação, ela busca melhorar a realidade de outras pessoas transgênero se profissionalizando para oferecer atendimento psicoterápico de qualidade para essa população.

Por causa disso, também imagino que em algum momento eu gostaria de trabalhar com psicoterapia, principalmente para atender pessoas trans que acabam não conseguindo encontrar algum psicoterapeuta que tenha alguma relação boa. (SD32, FREYA COSTA)

---

<sup>9</sup> Dados referentes ao censo do IBGE de 2018 (apud SENRA, 2020).

O ativismo LGBT em espaços universitários contribui para a afirmação de identidade da comunidade LGBT dentro e fora do espaço acadêmico (SOUZA, 2015). A experiência de fazer parte de um movimento ativista também fornece a seus integrantes conhecimentos sobre os “elementos sociais e culturais que foram sendo construídos e difundidos ao longo da história sobre as questões da sexualidade que não se enquadram no padrão imposto da normatividade” (SOUZA, 2015, p.79), o que os instrumentaliza no combate às opressões causadas em uma sociedade heteronormativa. Nesse sentido, Célio Golin observa a importância do ativismo universitário:

Eu acho que nós acabamos, enquanto movimento político, interferindo no próprio processo acadêmico da universidade. (SD45, CÉLIO GOLIN)

#### 4.3.3.2 A minoria que quer mudanças

Esta subcategoria inclui depoimentos que mostram a vontade de agir em prol da transformação dos contextos de discriminação que cercam as pessoas que fazem parte de minorias sociais. Além disso, as falas apontam caminhos que são alternativas para a construção dessa mudança. Nesse sentido, uma fala de Taís Severo mostra que, na perspectiva dela, a forma de termos mais compreensão e menos preconceito no que tange a sociedade LGBT é a partir da empatia das pessoas que não fazem parte dessa comunidade:

Eu acho que a gente sempre tem que ter empatia para lidar com os temas LGBTs, os temas de gênero e sexualidade. (SD41, TAÍS SEVERO)

Denunciar atos de discriminação e violência é uma ação amparada pela lei, e um dever que ajuda na construção de uma sociedade melhor. Este argumento é apresentado na fala de Vinícius Jean Barth, que defende a necessidade de denúncias e penalizações para o combate a ações preconceituosas:

Não tem mais vez deixar o preconceito acontecer. Eu acho que a gente tem que denunciar se isso acontece nos espaços em sala de aula, se o aluno se sente oprimido em alguma situação. (SD55, VINÍCIUS JEAN BARTH)

Para garantir maior visibilidade das diferenças sociais, o país enfrenta grandes desafios democráticos. O centro desses desafios é a construção de políticas educativas, que se inicia a partir da compreensão dos direitos humanos, da proteção da vida, dos direitos de igualdade e da educação sobre as sexualidades (KOEHLER, 2014, p.149). Este argumento conversa com uma das falas de Vinicius, em que o

estudante de pós-graduação em Desenvolvimento Rural salienta que é a partir de uma desconstrução de paradigmas e preconceitos que a sociedade pode melhorar nesse sentido.

Não tem mais espaço para a homofobia, para a transfobia, para o racismo, para o machismo. A gente tem que desconstruir e mudar a sociedade. (SD56, VINÍCIUS JEAN BARTH)

No levantamento bibliográfico realizado para a teorização desta pesquisa, mostrei a importância da representação de minorias sociais. Da mesma forma, o diálogo sobre as diferenças também tem um papel fundamental no processo de combate aos preconceitos que assombram determinados grupos sociais. Sob essas circunstâncias, Taís comenta sobre a importância da discussão sobre temas como sexismo, feminismo, ativismos LGBT e violências que acometem esses grupos sociais:

Para gente continuar tendo uma visão crítica das normatividades de sexo e de gênero que dominam as nossas relações sociais e culturais, a gente fala de feminismo, a gente fala de ativismos LGBT, a gente fala de sexismo, de machismo, de violência contra essas populações. São temas que imediatamente, diretamente, vão interferir na maneira de fazer a cobertura desses temas no jornalismo, de dar voz a esses públicos na publicidade, de ser inclusivo nas relações públicas. (SD38, TAÍS SEVERO)

#### 4.3.4 A minoria que viu mudanças na sociedade

Algumas falas dos depoentes apontam o sentido de mudanças que aconteceram na forma como seus grupos sociais passaram a ser tratados ao longo do tempo. Nesse núcleo, foram evidenciadas modificações a partir de duas perspectivas: a visão da comunidade LGBTQIA+ e a visão da comunidade indígena.

Tabela 5 - FD4: A minoria que viu mudanças na sociedade

FD4 - A minoria que viu mudanças na sociedade	Total de SDs	% de SDs
Visão da comunidade LGBTQIA+	12	85,71%
Visão da comunidade indígena	2	14,28%
<b>Total</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

#### 4.3.4.1 Visão da comunidade LGBTQIA+

A primeira vez que o termo *homossexual* foi utilizado no Brasil foi como definição de uma patologia. A palavra foi utilizada na obra *Atentados ao pudor: estudos sobre as aberrações do instinto sexual*, de Viveiros de Castro, em 1894 (TONIETTE, 2006, p. 45). Só em 1985 o termo *homossexualismo* deixou de ser considerado uma doença, quando o Conselho Federal de Medicina definiu como *homossexualidade* – com novo sufixo, desassociando a palavra à ideia de ela ser uma condição clínica (TONIETTE, 2006, p. 47). Na fala de Célio Golin, é possível identificar o poder dessa mudança de perspectiva sobre a homossexualidade para as novas gerações.

O que é positivo é que as novas gerações não tiveram, por exemplo, a perspectiva que a minha geração teve como referência, que era a do desvio, da doença, da patologia. As novas gerações tão se empoderando e se empoderaram a partir de uma outra perspectiva política. (SD49, CÉLIO GOLIN)

Em 1991, estudantes da UFRGS fundam o primeiro grupo de militância LGBT no Rio Grande do Sul – o Movimento Homossexual Gaúcho (MGV), hoje conhecido como Nuances - Grupo Pela Livre Orientação Sexual (GOLIN, 2022). Sendo um dos ativistas fundadores do projeto, Célio relata a importância do movimento para que a homossexualidade deixasse de ser vista através dessa perspectiva patológica.

Eu acho que o movimento e nós conseguimos fazer com que essa perspectiva fosse perdendo espaço e os próprios cursos [da área da saúde] fossem revendo e reelaborando a sua ação frente a essas questões. (SD47, CÉLIO GOLIN)

Mesmo assim, os ambientes públicos ainda podem ser, para as pessoas LGBTs, espaços de medo e insegurança por conta das violências físicas e psicológicas que estão sujeitas a receberem como resultado do preconceito (SOLIVA, 2011, p.126). O medo faz com que muitos indivíduos mascarem suas sexualidades em espaços públicos. Neste contexto, a professora do curso de Estatística da UFRGS, Luciana Nunes, compara o cenário atual da universidade com o que ela vivenciou enquanto estudante universitária.

[...] é uma evolução que a gente foi enxergando, que estamos enxergando, que é do mundo. A gente tem um microcosmos UFRGS, que é ver os casais LGBTs assim. Então daqui a pouco duas gurias ou dois gurus andando de mão dada, se beijando, namorando, namorando como qualquer outro casal que em toda a minha vida eu vi, porque casais namorando na universidade tem desde sempre, enfim. (SD25, LUCIANA NUNES)

Não são apenas os jovens homossexuais que sentem o medo de expressarem sua orientação sexual em público. Luciana também relata não saber identificar se algum de seus professores fazia parte da comunidade LGBT em sua época de estudante.

[...] não tive experiência nenhuma nesse sentido, de ter um professor ou uma professora que eu me identificasse dessa forma. Pode até ser que tenha existido, mas é porque também outros tempos né, outros tempos. (SD26, LUCIANA NUNES)

Apesar do cenário atualmente não ser tão opressor como costumava ser, a LGBTfobia ainda está muito presente na sociedade e existe um longo caminho a ser trilhado até que as opressões contra essa população cessem.

A universidade ainda é um espaço bastante opressor, não só a nós, LGBTs, mas também às mulheres, às pessoas negras, aos indígenas, e eu vejo que algumas coisas melhoraram desde que eu ingressei na graduação há mais de 10 anos atrás, mas ainda temos muito a avançar. (SD54, VINÍCIUS JEAN BARTH)

Está um pouco mais avançado nessas questões de aceitação, mas isso não significa que é assim o tempo todo. Ainda tem muito preconceito, na universidade tem muito preconceito calado, principalmente, nem sempre é calado, mas tem muita essa questão do preconceito calado. (SD33, FREYA COSTA)

#### 4.3.4.2 Visão da comunidade indígena

Os povos indígenas foram colonizados, escravizados e explorados desde a colonização portuguesa. Neste contexto, a ativista indígena Raquel Kubeo fala sobre o desafio de ser uma pesquisadora enquanto integrante de uma minoria social que traz tantas cicatrizes históricas.

Por muitos anos, desde que a colonização chegou nesse território que hoje é conhecido como Brasil, nós fomos estudados, observados e feitos como objeto, então estar do outro lado da pesquisa e olhar a partir de um olhar pesquisador, mas também quebrando esses conceitos de colonização, também, é muito desafiador. (SD63, RAQUEL KUBEO)

Mesmo depois de 500 anos, os indígenas ainda sofrem muito racismo estrutural e falta de inclusão social. Uma evidência disso é que o Supremo Tribunal Federal (STF) precisou determinar, em março de 2022, que o governo disponibilizasse dados sobre a saúde da população indígena no site do Ministério da Saúde da mesma forma que já existem materiais sobre o restante da população (MUNIZ, 2022).

### 4.3.5 A minoria que se sente acolhida

A minoria acolhida apresenta sentidos em que os entrevistados mostram sentimentos relacionados com o fato de serem bem recebidos e incluídos em determinados espaços, criando laços, encontrando e se identificando com outras pessoas. Das 13 incidências dessa FD, 6 falam sobre os encontros de minorias sociais – como indígenas que se encontram na Casa do Estudante ou imigrantes que se encontram no evento Semana da África; e 7 incidências que evidenciam a inclusão social. Desta forma, criam-se as seguintes subcategorias:

**Tabela 6 - FD5: A minoria acolhida**

<b>FD5 - A minoria que se sente acolhida</b>	<b>Total de SDs</b>	<b>% de SDs</b>
Encontros	6	46,15%
Inclusão	7	53,84%
<b>Total</b>	<b>13</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

#### 4.3.5.1 Encontros

Ao expressarem o sentimento de pertencimento a um espaço, três pessoas relataram, ao longo de 7 sequências discursivas, a importância de encontrar pessoas que também fazem parte de um grupo social semelhante ao seu. Esses encontros acontecem tanto em eventos quanto no próprio cotidiano. O reconhecimento no outro mostra, mais uma vez, a relevância da representação social no processo de identidade dos indivíduos. Ao se ver no outro, a pessoa se sente acolhida. Isso pode ser visto em diferentes momentos no discurso de Eleonir Fidelis, estudante indígena do curso de Enfermagem.

Tem indígena de quase todas as aldeias do Rio Grande do Sul, tem uns de mais longe, uns mais daqui, e a gente acaba tendo essa amizade sabe, se encontrando na verdade, né, todos os parentes. (SD10, ELEONIR FIDELIS)

O aluno também comenta sobre o VII Encontro Nacional dos Estudantes Indígenas (ENEI), evento que ocorreu em 2019 no Campus Olímpico da UFRGS e reuniu mais de 200 indígenas de todo o Brasil. A fala demonstra a importância dos encontros dos grupos sociais:



Vários parentes, vários povos lá do norte. Os rituais, sabe, as culturas são todas diferentes. Foi o momento mais marcante, com certeza, que eu tive na UFRGS. (SD11, ELEONIR FIDELIS)

Mais um evento citado na análise foi o sarau Sopapo Poético, promovido pela Associação Negra de Cultura (ANdC), que ocorre na capital gaúcha desde 2012. A estudante Laís Dias Gomes relembra das reuniões com nostalgia, mostrando, simultaneamente, a importância da inclusão social de pessoas negras em espaços, nos debates e nos assuntos que estão sendo abordados:

A gente tinha a oportunidade de encontrar várias outras pessoas pretas, várias da faculdade, várias não da universidade de uma maneira geral, e é um encontro onde a gente lê capítulos e poesias de pessoas pretas, e sempre tem um convidado especial que tem uma história. (SD23, LAÍS DIAS GOMES)

Entre 2011 e 2020, o Brasil recebeu cerca de 1,3 milhão de imigrantes registrados (CAVALCANTI; OLIVEIRA; SILVA, 2021). Neste contexto, surge a necessidade de ações que visem diminuir os índices de xenofobia contra esse público. A Semana da África, promovida pela UFRGS, foi citada por Narrador Kanhanga, músico natural de Angola, como um espaço de encontro para imigrantes africanos.

[A Semana da África] é um evento de abrir espaço justamente para os imigrantes africanos dentro da universidade. (SD29, NARRADOR KANHANGA)

#### 4.3.5.2 Inclusão

Para Freire (2009, p. 5), a inclusão é um movimento social, político e educacional que defende um princípio básico: o de que os indivíduos participam de forma ativa e consciente da sociedade, sendo aceitos e respeitados com todas as suas características e diferenças. Esse sentido pode ser percebido em falas como as de Karine, que relata o sentimento de se sentir incluída pelos colegas e professores da universidade:

E quando os professores e os colegas também conseguem essa naturalidade assim, de me enxergar como uma pessoa igual as outras, claro que com uma limitação sensorial importante que acaba influenciando, mas assim... Quando eles não fazem disso a coisa mais importante, a coisa que vai me definir, tudo flui, é muito natural assim. (SD7, KARINE RODRIGUES)

Esse é o melhor exemplo da inclusão sendo realizada na prática: quando uma pessoa é vista por sua personalidade, não sendo definida pelo resumo dos aspectos que a fazem pertencer a um determinado grupo marginalizado. Isso também

aparece na fala de Taís Severo, quando ela mostra que as questões de gênero são apenas uma parte dos vários atributos que constituem sua identidade.

Eu tenho sido muito bem recebida. Era o que eu desejava: que as minhas questões pessoais de gênero não fiquem na frente da pessoa que eu sou, da pesquisadora que eu to trabalhando para me transformar, da pesquisa e do trabalho que eu faço, da minha escrita. (SD40, TAÍS SEVERO)

Igualmente, o sentido de acolhimento, que é a base dessa formação discursiva, também acontece dentro dos próprios grupos sociais. É o caso de Julio de Paula, que conta o papel das lideranças indígenas para que ele se dedicasse aos estudos até chegar na graduação.

A maioria das lideranças indígenas é quem mais apoia o pessoal, os alunos indígenas. Tanto é que a nossa educação indígena, ela foi estabelecida desde o ensino primário até o ensino médio, e ela é muito respeitosa e muito educada, porque as lideranças também ficam em cima incentivando. (SD66, JULIO DE PAULA KAINGANG)

A rede de apoio construída dentro dos ciclos de amizades e famílias também possui um papel fundamental para fazer com que as minorias sociais sintam o acolhimento. Os diálogos sobre as dificuldades enfrentadas fortalecem os indivíduos e fazem com que eles busquem, cada vez mais, serem incluídos.

Falar sobre dores, sobre angústias que a gente vive por tá nessa universidade, por tá nesse curso especificamente, e por ser jovem, e por ser preto, e por ser mulher, e por ser homem, e por ser gay, e por ser tantas coisas que nós somos dentro de um grupo tão plural, e a gente conversar sobre isso e aprender uns com os outros, aprender com as literaturas que a gente estuda, com os artigos que a gente lê, com os capítulos... (SD24, LAÍS DIAS GOMES)

#### 4.3.6 A minoria que se vê privilegiada

Embora pouco presente, algumas falas evidenciam explicitamente o sentido de uma minoria que se vê como privilegiada em relação a outros grupos socialmente marginalizados.

Tabela 7 – FD6: A minoria que se vê privilegiada

FD6 - A minoria que se vê privilegiada	Total de SDs	% de SDs
Privilégio explícito no discurso	2	100%

Fonte: Elaborado pela autora.

Laís Dias Gomes, por exemplo, entende que é privilegiada por ter acesso a uma educação de qualidade que a preparou para o ingresso no curso de medicina.

Durante a fase do vestibular, apesar de eu ser uma pessoa muito privilegiada, e eu tenho noção disso, graças aos meus pais e oportunidades que eles puderam me trazer, e que eu sei que não é todo mundo que consegue, eu pude estudar em cursinhos pré-vestibular e pude me preparar para ser aprovada em medicina. (SD17, LAÍS DIAS GOMES)

Já Narrador Kanhanga reconhece seu privilégio quando visita, através de programas de apoio, outros imigrantes e refugiados que possuem condições precárias de vida.

Foi através dessas ações que eu percebi, por exemplo, quando a gente entrou para fazer as doações e eu vi a realidade que eles estavam passando, e aí eu me coloquei na posição de privilegiado, porque eu não sofri, afinal de contas. (SD30, NARRADOR KANHANGA)

Em ambos os casos, a qualidade de vida, propiciada por um maior poder econômico, fez com que os locutores vissem a si mesmos como ocupando uma posição privilegiada em relação a outras pessoas que fazem parte de grupos sociais semelhantes aos seus.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta jornada, busquei compreender como as minorias sociais representam a si mesmas no programa *Minha Saudade da UFRGS*. Através da análise dos discursos dos locutores dos programas selecionados, pude identificar os principais sentidos presentes nas falas dessas pessoas que fazem parte de grupos sociais que são colocados em posição de marginalização e discriminação perante a sociedade: negros, indígenas, LGBT's e pessoas com deficiência. As mulheres, por terem um reconhecimento social e político já mais estruturado socialmente, não foram analisadas como um grupo específico, embora as questões de gênero tenham aparecido como atravessamento em alguns casos.

Iniciando o embasamento teórico, comecei a pesquisa contextualizando o que é televisão, buscando identificar como os sentidos são produzidos através deste meio de comunicação da qual o programa analisado faz parte. Este percurso começou de forma ampla e foi sendo esmiuçado até chegar no programa escolhido como objeto de estudo, contemplando observações sobre as particularidades e características da televisão, informações transmitidas através da TV e os significados atribuídos a essas informações; a televisão pública no Brasil, a televisão universitária e, enfim, a UFRGS TV, criadora do *Minha Saudade da UFRGS*.

O capítulo seguinte apresenta a discussão teórica sobre a representação midiática, mostrando o papel das representações na construção das identidades dos seres humanos. Unindo as informações de ambos os capítulos, é possível entender que a representatividade é fundamental para que os grupos marginalizados se vejam de forma real, natural e digna. A representação de minorias sociais em programas e conteúdos televisivos é fundamental na luta contra opressões e preconceitos, além de ter um papel importante na forma como as pessoas que fazem parte desses grupos marginalizados percebem a si mesmas.

No quarto capítulo, apresentei a metodologia aplicada na pesquisa, a Análise de Discurso de linha francesa, além do corpus e demais procedimentos para a análise dos depoimentos. A partir do processo de escuta atenta aos episódios selecionados, foi possível atingir o objetivo geral da pesquisa: compreender como as pessoas que fazem parte de minorias sociais representam a si mesmas no programa *Minha Saudade da UFRGS*. Essa representação acontece através de seis principais formas: 1) a minoria que convive com o preconceito, 2) a minoria excluída, 3) a

minoria que realiza, 4) a minoria que viu mudanças na sociedade, 5) a minoria que se sente acolhida e 6) a minoria que se vê privilegiada.

Considerando o problema de pesquisa deste estudo – como as minorias sociais representam a si mesmas no programa *Minha Saudade da UFRGS?* –, concluo que elas se representam, principalmente, como “A minoria que convive com o preconceito”, visto que esta foi a formação discursiva mais frequente na análise, com 18 sequências discursivas. Foram identificadas três principais formas de preconceito: a) preconceito contra a comunidade LGBT, b) racismo e c) diferentes opressões, onde ocorre a intersecção de mais de um tipo de discriminação.

A FD “A minoria excluída” também teve grande peso na análise. Aqui, três principais tipos de exclusão se fizeram presentes: a) a falta de representatividade no ambiente acadêmico e profissional, b) a falta de acessibilidade na UFRGS e c) a falta de inclusão das minorias sociais em determinados espaços.

As minorias sociais representam a si mesmas como pessoas que sabem que o atual contexto que enfrentam ainda não é o ideal e buscam por mudanças: a FD “A minoria que realiza” reúne depoentes que agem ativamente transformando essa realidade de preconceito e exclusão. Neste sentido, também se encontram falas que evidenciam a vontade de agir em prol de novas perspectivas, o que na análise chamei como “a minoria que quer mudanças”.

Outro grupo de depoentes fala sobre as mudanças que já foram testemunhadas em relação à forma como as minorias sociais são vistas. A FD “A minoria que viu mudanças na sociedade” se divide em duas vertentes: a) a visão da comunidade LGBTQIA+ e b) a visão da população indígena. Em ambos os casos, os indivíduos descrevem a evolução mostrando que perceberam que a discriminação vem diminuindo ao longo do tempo, mas que ainda existe um longo caminho a ser seguido. Se o contexto vivido por minorias sociais vem melhorando ao longo do tempo, e hoje existem pessoas engajadas em deixar a sociedade cada vez mais acolhedora para as diferenças, então é possível pensar que as próximas gerações têm a possibilidade de viver uma realidade em que as diversidades sejam mais respeitadas do que agora.

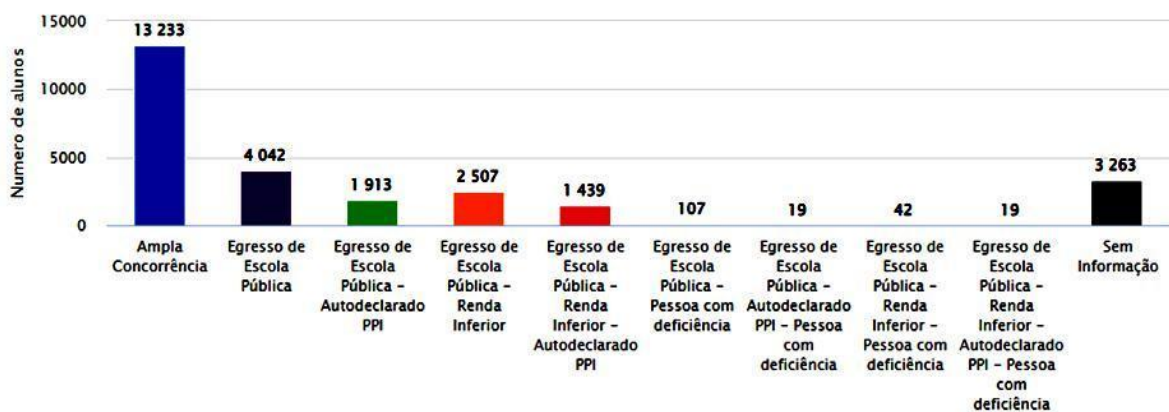
Um sentido presente no corpus foi o de acolhimento. Em “A minoria que se sente acolhida”, os depoentes relataram emoções, como a alegria de encontrar pessoas com que se identificam enquanto minorias sociais. Sete sequências

discursivas desta categoria também mostram que a inclusão desses grupos socialmente desvalorizados é um movimento gradual que já está acontecendo.

A última formação discursiva reúne a minoria que se vê privilegiada. Mesmo tendo apenas duas falas de pessoas, este sentido é muito importante porque indica que elas se veem em posição de privilégio em relação a outros indivíduos que também fazem parte de grupos discriminados socialmente. Colocam-se nessa posição pois possuem uma boa qualidade de vida e reconhecem que a realidade de outras pessoas que também sofrem determinadas discriminações sociais é diferente.

Minha expectativa era encontrar mais pessoas se sentindo acolhidas e respeitadas, especialmente pelo programa *Minha Saudade da UFRGS* ter um cunho nostálgico, que remete a boas lembranças vivenciadas no ambiente universitário. Entretanto, a presença de 43,75% dos discursos evidenciando o preconceito e a exclusão, e apenas 16,25% do corpus se sentindo acolhido, mostra que essa realidade ainda tem um longo caminho para percorrer buscando a evolução constante. Percebendo a universidade como uma representação da forma como a sociedade é construída, é possível inferir que o caminho para igualdade está só começando. No Painel de Dados da UFRGS (2022), na visualização de informações sobre alunos da graduação, é possível encontrar dados sobre a pirâmide etária, os turnos de aula, a nacionalidade e as formas de ingresso dos estudantes (FIGURA 2).

**Figura 2 - Formas de Ingresso dos alunos matriculados na UFRGS**



Fonte: Painel de Dados UFRGS

Desde 2008, a UFRGS tem 50% das vagas em cursos de graduação reservadas para estudantes que cursaram todo o ensino médio em escolas públicas,

mas a realidade ainda não mostra a efetividade desta medida. Desta reserva, existem ainda subdivisões, destinando vagas a alunos de baixa renda, pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência. Os dados relativos ao 1º semestre de 2021 apontam que dos 26.584 alunos matriculados na graduação, só 10.088 ingressaram utilizando uma das modalidades de vagas reservadas. Por mais que a universidade esteja preocupada em garantir a inclusão de grupos discriminados socialmente em seus cursos de graduação, a forma com que os dados demográficos estão disponibilizados não possibilita uma leitura acurada sobre a diversidade em um panorama geral. Isso seria possível se o painel disponibilizasse a visualização específica de quantos alunos negros, indígenas, pardos ou com deficiência ingressaram na universidade, não sendo todos incluídos na modalidade “ampla concorrência”. Além disso, unir negros, pardos e indígenas na mesma reserva de vagas também afeta a forma de leitura dos dados.

Ao mesmo tempo, também é importante reconhecer que as ações afirmativas são um ato corajoso da universidade. Desde a aprovação da Proposta de Emenda Constitucional 55/2016, que congelou os investimentos em saúde e educação, o Brasil sofre um retrocesso no que tange os Direitos Humanos, o que influencia o aprofundamento de desigualdades sociais. É importante a UFRGS manter as políticas de reserva de vagas e, mesmo assim, dentro da universidade ainda existem espaços que não incluem minorias sociais. É um indicativo de que fora desse ambiente a desigualdade pode ser ainda maior. Mesmo com o interesse da universidade em aumentar a diversidade de pessoas que fazem parte da sua comunidade acadêmica, só isso não é o suficiente. Durante toda a minha graduação, nos campi que frequentei, vi pouquíssimos alunos com deficiência, e quase nenhum professor com essa característica – a única exceção, neste caso, foi a professora Erika Vanessa de Lima Silva, que possui deficiência auditiva e ministrou a disciplina optativa de Linguagem Brasileira de Sinais: a deficiência definindo a área do conhecimento. As pessoas precisam de representatividade em todos os espaços: nas universidades, na medicina, em programas de televisão, na política.

Silva (2012) postula que é a partir da representação que as identidades e diferenças são criadas, o que cria uma hierarquização de grupos sociais em que uns são mais privilegiados do que outros. É por isso que a representação de minorias sociais é tão essencial nesse processo. Ela precisa acontecer na sociedade para que seja registrada na televisão: uma retroalimentando a outra e construindo

saberes juntas. Em um mundo ideal e utópico, a discussão de ações efetivas para a inclusão e representatividade termina quando não precisarmos mais falar sobre o respeito às diferenças. Com os pés no chão, acredito que a sociedade ainda precisa dar sequência a este processo para seja possível a diminuição gradual da hegemonia branca-heterossexual-classe média.

Concluo esta jornada propondo a reflexão que mais reverberou em minha mente durante minha vivência enquanto pesquisadora: a barreira para a construção de uma sociedade justa e igualitária só pode ser vencida através de políticas de cotas, ações de inclusão social, acessibilidade em diferentes espaços e atividades que eduquem a população sobre a diversidade e o respeito com as diferenças. E a comunicação, a base do agir social e estruturadora da televisão, tem um papel de destaque nessas ações: é necessário que as minorias sociais se representem com mais frequência nas mídias. Mesmo que 39,5% das edições apresentadas no período de um ano do programa analisado sejam sobre pessoas que fazem parte de alguma minoria social, ainda há muito a ser feito neste quesito. Como defendido por Wolton (2007), a televisão é um meio de comunicação que tem o objetivo central de fornecer para a audiência as informações necessárias para que elas compreendam o mundo. A TV normaliza o que é ser e estar no mundo, tendo um importante papel como formadora de opiniões. É fundamental que cada programa televisivo tenha vozes diversas como as estudadas na análise – e a função da TV Universitária está na base desse movimento. Os números encontrados na pesquisa ainda estão longe de serem igualitários. Para se chegar mais perto de um cenário justo, esse movimento precisa continuar com mais força. É preciso refletir sobre as desigualdades e, mais do que isso, pensar em como cada um de nós pode atuar a favor da inclusão de mais diversidade em espaços sociais. No meu atual contexto de vida, trabalhando com produção de conteúdo para redes sociais, posso contribuir para a diversidade analisando se os materiais que estou produzindo são acessíveis para pessoas com deficiência, observando como estão sendo utilizadas as imagens de pessoas desvalorizadas socialmente nos materiais gráficos e naturalizando a presença dessas pessoas não apenas como minorias sociais, mas como cidadãos representativos e construtores da sociedade. Através de abordagens como essa, cada um pode fazer a sua parte na busca por uma sociedade mais democrática e justa.



## Referências

ALCÂNTARA, Monaliza Silva de; JÚNIOR, Paulo Roberto da Silva. Uma investigação sobre as trajetórias de mulheres negras na universidade pública. In: **Amazônica-Revista de Psicopedagogia**, Psicologia escolar e Educação, v. 25, n. 2, jul-dez, 2020. p.127-163.

AMÂNCIO, Lígia; CABECINHAS, Rosa.(2004). Dominação e exclusão: representações sociais sobre minorias raciais e étnicas. In.: **Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção**, Universidade do Minho, Braga, 2004.

ANTRA, Associação Nacional de Travestis e Transexuais. **Mapa dos assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017**. Brasil, 2018.

ARAUJO, Eudes Freitas de. **A tv do Brasil é em cores?**: um estudo de caso sobre a representatividade LGBT a partir de Félix Khoury, da novela Amor à vida (2013). TCC (Graduação). Curso de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

BBC. **Diversity and Inclusion Strategy 2016-2020**. Disponível em: <https://www.bbc.com/diversity/strategy-and-reports/diversity-and-inclusion-2016>. Acesso em: 21 fev. 2022.

BENETTI, Marcia. Análise de discurso como método de pesquisa em comunicação. In: MOURA, Cláudia; LOPES, Maria Immacolata (org.). **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p.235-256.

BENETTI, Marcia. Análise do discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007. p.107-121.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. Os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana. In: BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BORDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BUCCI, Eugênio. É possível fazer televisão pública no Brasil?. **Novos Estudos - CEBRAP**, São Paulo, n. 88, dez. 2010. p.5-18.

BUCCI, Eugênio. TV pública e entretenimento. **PISEAGRAMA**. Belo Horizonte, n. 3, 2011. p.40-43.

CABECINHAS, Rosa. Investigar representações sociais: metodologias e níveis de análise. In: BAPTISTA, M.M. (ed.) **Cultura: Metodologias e Investigação**, Lisboa, 2009. p.51-66.

CABECINHAS, Rosa; ÉVORA, Silvino. Visões do mundo e da nação: jovens cabo-verdianos face à história. In.: MARTINS, Moisés de Lemos; PINTO, Manuel (org). **Comunicação e cidadania: actas do Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação**. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, 2008.

CASTRO, Lorena Roberta Barbosa; SIQUEIRA, Dirceu Pereira. Minorias e grupos vulneráveis: a questão terminológica como fatos preponderante para uma real inclusão social. In.: **Revista Direitos Sociais e Políticas Públicas**, Centro Universitário UNIFAFIBE, Bebedouro, 2017. p.105-122.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu; SILVA, Bianca. **Relatório Anual 2021 – 2011-2020**: Uma década de desafios para a imigração e o refúgio no Brasil. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília: OBMigra, 2021.

CHARAUDEAU, Patrick. A televisão é capaz de informar?. **MATRIZES**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 13-23, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/119987>. Acesso em: 14 jun. 2021.

CHARAUDEAU, Patrick. Informação, emoção e imaginários a propósito do 11 de setembro de 2001. In: DAYAN, Daniel (org.). **O terror espetáculo: terrorismo e televisão**. Lisboa: Edições 70, 2009. p.71-86.

COELHO, Jefferson. **The essence of beauty**: um estudo sobre a construção racial de Jaida Essence Hall na 12ª temporada de RuPaul's Drag Race. TCC (Graduação) - Curso de Relações Públicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

COELHO, Rafael Torres; MACHADO FILHO, Rubem; LUZ, Edna; COSTA JÚNIOR, Edson Farret da. Atletas transgêneros: tabu, representatividade, minorias e ciências do esporte. **Revista de Trabalhos Acadêmicos Universo São Gonçalo**, São Gonçalo, 2018. p.29-58.

COUTINHO, Ricardo Nespoli. **Televisão universitária como ambiente de aprendizagem**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Mestrado em Educação, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2006.

DORNELLES, Ederson Nadir Pires; VERONESE, Osmar. **A falta de representatividade indígena nos parlamentos brasileiros**: a democracia representativa vigente deve ser (re)inventada? Revista Eletrônica Direito e Política, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, 2018.

EDER, Klaus. Identidades coletivas e mobilização de identidades. In.: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2003. p. 5-18. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69092003000300001>>. Acesso em: 23 fev. 2022.

EDGAR-HUNT, Robert; MARLAND, John; RAWLE, Steven. **A linguagem do cinema**. Porto Alegre: Bookman, 2013

FAVARETTO, Fernando. **Universidade: a vida é mais**: uma experiência de transformação potencializada pela ufrgs tv. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/181871?show=full>. Acesso em: 04 jul. 2021.

FERNANDES, Helena de Moraes. **Educar para a televisão**: desafios da formação para a diversidade e a tolerância. *Revista Espaço Pedagógico*, v. 12, n. 2, 2005. p.157-170.

FERNANDES, Joana; LOURENÇO, Raquel. Repensar a questão da diversidade associada à televisão pública. In: **Diversidade e Pluralismo nos Media**. Lisboa: Icnova – Instituto de Comunicação da Nova, 2019. p.109-128.

FORGIARINI, Luciana Dickow. **A experiência de um “lugar de mulher” através do diálogo jornalista-fonte**. Trabalho de conclusão de graduação. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Porto Alegre: UFRGS, 2019.

FRAGA, Jaqueline. Consciência Negra: profissionais de saúde negros buscam representatividade. **Folha de Pernambuco**. Pernambuco, nov. 2021. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/consciencia-negra-profissionais-de-saude-negros-buscam/206477/>. Acesso em: 21 Mar. 2022.

FREIRE FILHO, João. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. In: **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre: PUCRS, n. 28, 2005. p.18-29.

FREIRE, Sofia. Um Olhar Sobre a Inclusão. In: **Revista da Educação**, Vol. XVI, nº 1. Lisboa, 2008. p.5-20.

GADRET, Débora Lapa. **A EMOÇÃO NA REPORTAGEM DE TELEVISÃO**: as qualidades estéticas e a organização do enquadramento. 2016. 189 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

GARCIA, Raquel Araújo Bonfim; BACARIN, Ana Paula Siltrão; LEONARDO, Nilza Sanches Tessaro. Acessibilidade e permanência na educação superior: percepção de estudantes com deficiência. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 22, 2018. p.33-40.

GOLIN, Célio. **Quem somos**: essa é a nossa história. Nuances. Disponível em: <https://nuances9.webnode.com/sobre-nos/>. Acesso em: 03 abr. 2022.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

HAMERMÜLLER, Amanda Farias. **A cor na televisão**: uma análise da representatividade racial entre os repórteres e apresentadores da rede globo e o papel televisivo na construção da identidade negra. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

HOUZEL, Suzana Herculano. O cérebro funciona quando vemos TV? **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 15 mai. 2006. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq2505200607.htm>>. Acesso em: 26 abr. 2021

IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios**: PNAD. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.htm>>. Acesso em: 18 abr. 2022.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo da Educação Superior de 2019**. Brasília: MEC, 2020.

KOEHLER, Sonia Maria Ferreira. Homofobia, cultura e violências: a desinformação social. In.: **Interacções**, v. 9, n. 26, 2014.

LISBÔA, Maria Elisa Swarowsky. **A TV universitária como possibilidade para o jornalismo científico** – um estudo sobre o programa Multiponto da UFRGS TV. Trabalho de conclusão de graduação. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

LOURENÇO, Raquel. Estratégias para a diversidade na televisão: os casos dos eua e do reino unido. In: CÁDIMA, Francisco Rui; SILVA, Marisa Torres da (org.). **Media & Jornalismo**. Vol. 17. Lisboa: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017. p.85-94.

MACHADO, Arlindo. Preliminares. In: MACHADO, Arlindo. **A arte do vídeo**. São Paulo: Brasiliense, 1988. p.7-11.

MAGALHÃES, Cláudio. **Manual para uma TV Universitária**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MARTINS, Nicole; HARRISON, Kristen. Racial and Gender Differences in the Relationship Between Children's Television Use and SelfEsteem: A Longitudinal Panel Study. In.: **Communication Research**. Commun Res, Indiana, 2012.

MIGUEL, Luis Felipe. **Representação democrática: autonomia e interesse ou identidade e advocacy**. Lua Nova, São Paulo, n. 84, 2011. p.25-63.

MILANEZ, Felipe; SÁ, Lucia; KRENAK, Ailton; CRUZ, Felipe Sotto Maior; RAMOS, Elisa Urbano; JESUS, Genilson dos Santos de. Existência e Diferença: o racismo contra os povos indígenas. In.: **Revista Direito e Práxis**, 2019. p.2161-2181.

MILLER, T. A Televisão Acabou, a Televisão Virou Coisa do Passado, a Televisão Já Era. In: FREIRE FILHO, J. (org.). **A TV em Transição: Tendências de Programação no Brasil e no Mundo**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.9-25.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MUNIZ, Mariana. Barroso dá 30 dias para governo Bolsonaro divulgar dados sobre saúde indígena. **O Globo**. Brasil, 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/direitos-humanos/barroso-da-30-dias-para-governo-bolsonaro-divulgar-dados-sobre-saude-indigena-25457572>. Acesso em: 03 abr. 2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2000.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso, imaginário social e conhecimento**. Em aberto, v. 14, n. 61, 1994. p.52-59.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. **RUA**, Campinas, 2005. p.35-47.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico. **RUA**, Campinas, 2015. p.9-20.

ORLANDI, Eni Puccinelli; RODRIGUES, Felipe. Deontologia marginal: dando voz ao “outro” presente nos morros cariocas. In.: **Entretextos**, Londrina, 2010. p.140-155.

OROZCO, Guillermo. Mexican research on TV: a tradition framed by a powerful quasi-monopolistic TV system. In: ALVARADO, Manuel; BUONANNO, Milly; GRAY, Herman; MILLER, Toby. **The Sage handbook of television studies**. Thousand Oaks: Sage, 2014. p.105-114.

OROZCO, Guillermo; MILLER, Toby. A televisão além de si mesma na América Latina. **MATRIZES**, [S. l.], v. 12, n. 3, p. 59-75, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/153196>. Acesso em: 2 abr. 2021.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2014.

PEIXOTO, Fabiana; PRIOLLI, Gabriel (org.). **A televisão universitária no Brasil: os meios de comunicação nas instituições universitárias da América Latina e Caribe**. São Paulo: UNESCO, 2004. Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139903/PDF/139903por.pdf.multi>. Acesso em 30 jul. 2021.

PORCELLO, Flávio. **TV universitária**: Limites e possibilidades. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002

PORTO, Mauro Pereira. O poder da televisão: relações entre TV e política. **Comunicação & Educação**, 1997. p.14-18. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36279>. Acesso em: 17 jul. 2021

PRIOLLI JUNIOR, Gabriel. **A TV pública é importante?** Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/a-tv-publica-e-importante/>. Acesso em: 21 mar. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RUIVO, Miguel. **Repensar a Televisão**: uma visão positiva sobre o papel da televisão como elo social, veículo de cultura e espaço de lazer. Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2004. Disponível em: <http://www.labcom.ubi.pt/files/agoranet/04/ruivo-miguel-repensar-a-televisao.pdf>. Acesso em 24 abr. 2021.

SENRA, Ricardo. 'Meu pai foi um dos únicos pretos na escola de Medicina; comigo foi igual'. **BBC Brasil**. Londres, 2020. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/bbc/2020/09/09/meu-pai-foi-um-dos-unicos-pretos-em-medicina-minha-formatura-foi-igual.htm>. Acesso em: 25 mar. 2022.

SERRANO, Estrela. A especificidade do serviço público de televisão num contexto de fragmentação dos públicos e de multiplicação de plataformas. **Jornalismo & Jornalistas**, Lisboa, n. 43, 2010. p.5-17.

SILVA, Gustavo Frota Lima e. **Identidades e justiça**: sujeitos coletivos e ação política em Iris Marion Young e Axel Honneth. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p.73-102.

SILVEIRA, Andielli. **O “B” não é pra bonito**: uma análise das representações midiáticas da bissexualidade feminina em orange is the new black. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

SOLIVA, Thiago Barcelos. A rua e o medo: algumas considerações sobre a violência sofrida por jovens homossexuais em espaços públicos. **Revista Latino-americana de geografia e gênero**, v. 2, n. 1, 2011. p.122-132.

SOUZA, Marcelo Henrique de. **A Militância LGBT na Universidade**: um estudo de caso do Coletivo KIU. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

THOMPSON, John B. A interação mediada na era digital. **MATRIZES**, [S. l.], v. 12, n. 3, 2018. p.17-44.

TONIETTE, Marcelo Augusto. UM BREVE OLHAR HISTÓRICO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, [S. l.], v. 17, n. 1, 2006

UFRGS. **Painel de Dados UFRGS**. Disponível em: <https://www1.ufrgs.br/paineldedados/>. Acesso em: 15 abr. 2022.

VENDRAMIN, Carla. Repensando mitos contemporâneos: o capacitismo. In: **Sofia: Entre o saber e o não saber nos processos artísticos e culturais. Memória, experiência e invenção**. Campinas: Unicamp, 2019. p.16-25.

WOLTON, Dominique. Mídias generalistas e grande público. In: WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007. p.59-80.

WOLTON, Dominique. **Pensar a Comunicação**. Lisboa: Difel, 1999.

YOUNG, Iris Marion. **Representação política, identidade e minorias**. São Paulo: Lua Nova, 2006. p.139-190.